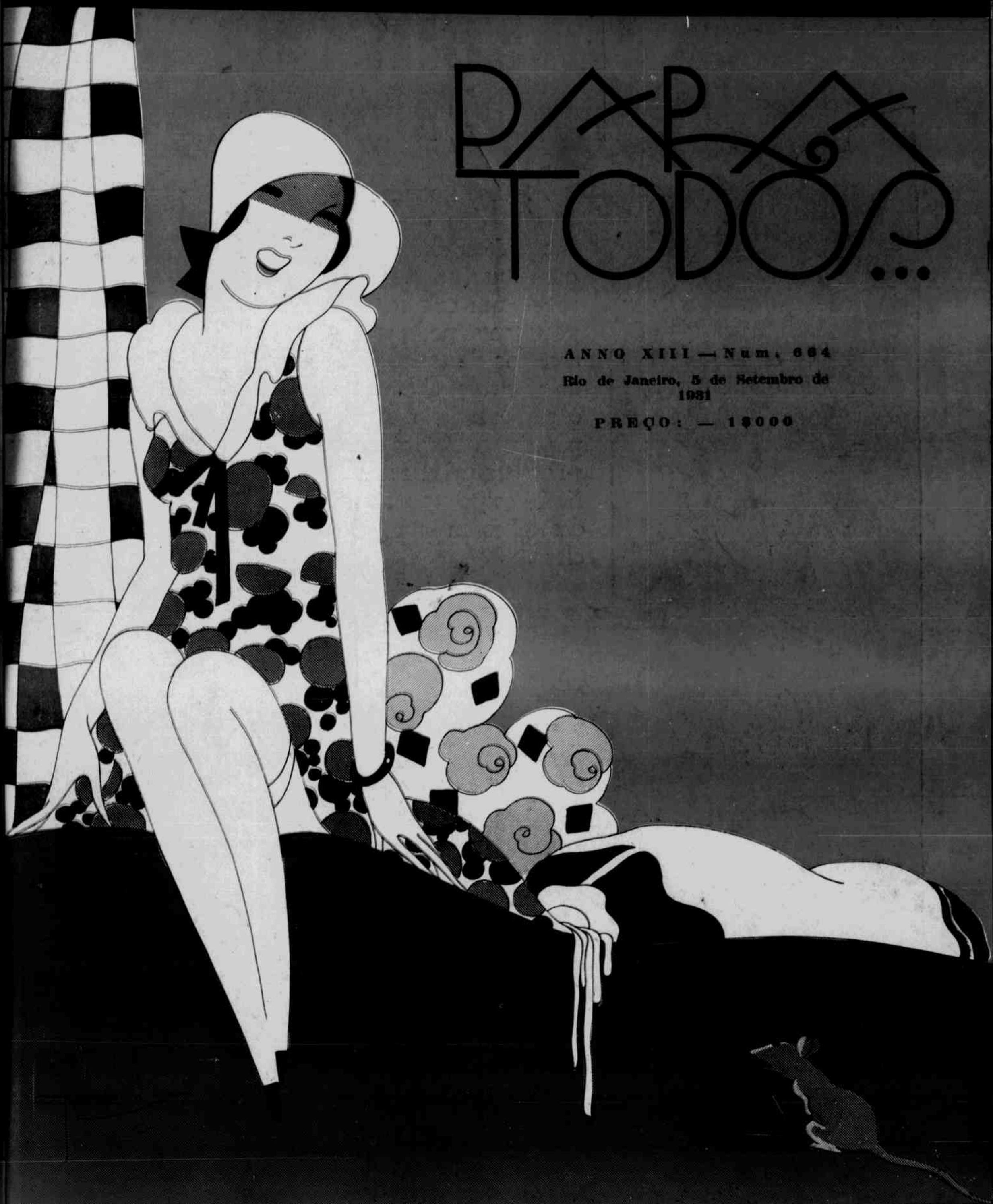
PARA TODOS...

ANNO XIII — Num. 664
Rio de Janeiro, 5 de Setembro de 1931
PREÇO: — 1$000

O PAVOR
DA NOITE QUE
NÃO TERMINA
A tosse nocturna é o maior horror dos que soffrem de bronchites chronicas, asthma ou coqueluche. O Bromil, sendo um calmante e um espectorante poderoso, evita os accessos de tosse, permittindo dormir tranquillamente, o que é um beneficio e um allivio para os enfermos que, sem o providencial remedio, ficariam expostos ao suplicio das noites em claro.
KOHOUT New York
TOSSE ? BROMIL

COMPETE ÁS SENHORAS

. . . lembrar aos maridos a necessidade dos seguros de vida . . . São ellas e os filhos as maiores victimas da imprevidencia !

ACQUA

A EQUITATIVA

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA
SEDE SOCIAL : AV. RIO BRANCO, 125

COCK TAIL

"...Ella tirou da bolsa uma photographia da sua irmã gemea, enviada da Suecia na vespera: a cavallo, completamente nua, com a cartola do avô na cabeça."

DENTRO DA ÉPOCA

— Que é isso?

— Uma peça que eu estou escrevendo sobre Paulo e Virginia e Romeu e Julieta.

— Uma coisa tão velha...

— Mas agora é Romeu e Virginia e Paulo e Julieta.

O ALCOOL ATÉ FAZ BEM

Autoridades medicas de Londres estão apoiando o uso de bebidas alcoolicas em pequenas quantidades, como coktails, etc.

Num livro que acabam de escrever, intitulado "Os effeitos do alcool", esses medicos declaram que, quando tomado em pequenas doses, tem um grande poder estimulante sobre a respiração e facilita a secreção de succos gastricos. Continuando nas suas explicações, declaram ainda que, ao ser tomado em pequenas doses, o alcool actua sobre a coordenação muscular. Nesse caso citam as pessoas acostumadas a jogos esportivos, as que produzem trabalhos manuaes e finalmente as que dirigem vehiculos, as quaes estão mais expostas a terem que executar uma decisão rapida e acertada, quer bebam, quer não. A razão pela qual o alcool produz um "alvoroço" no espirito de uns, e em outros o desejo de dormir, fica explicada em parte pelo facto delle actuar em uns como narcotico e em outros como estimulante, tornando-se assim malefico ou benefico conforme o organismo. A crença popular de que o alcool produz doenças vasculares ou alta pressão do sangue, fica sem razão de ser pois os medicos dizem que isso acontece quando o organismo já está predisposto ou já possue essas alterações.

SERIA MODA NA SUECIA?

No "Diable au corps", de Raymond Radiguet ha este pedaço:

BEM FEITO!

A senhora de um musico, notavel pela sua má lingua, estava em plena actividade num salão quando se engasgou e deu um grito:

— Que horror! enguli uma mosca!

— Bem feito! — disse um dos ouvintes.

— Como?!

— Sim, minha senhora. Eu detesto as moscas, e sempre que acontece qualquer desgraça a uma dellas, não imagina a minha alegria...

DEDICATORIAS

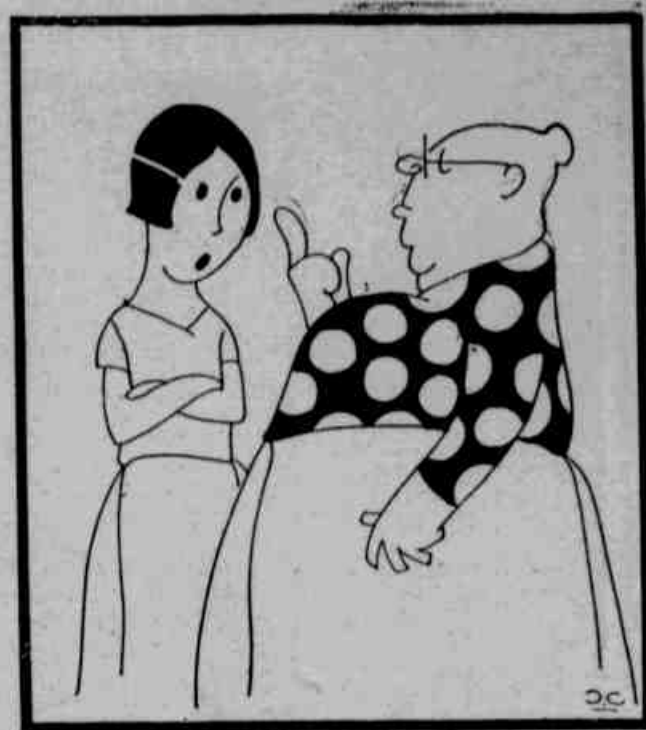
Joseph Delteil dedicou o seu primeiro romance: "Sur le fleuve d'amour":

A' mamãe, á Virgem Maria e ao general Bonaparte.

O segundo, "Cholera", tinha apenas esta dedicatoria:

A Deus.

Para todos...

Propriedade e direcção
de
ALVARO MOREYRA e J. CARLOS
Gerente:
MARIO ACHÉ CORDEIRO

CONSELHOS MATERNOS

— Minha filha! Uma moça que se preza não vae só ao cinema.

— Mas eu fui com "seu" Alfredo do armarinho.

DE REMY DE GOURMONT

A verdade é uma illusão, e a illusão é uma verdade...

Não é preciso que a gente acredite sempre na mesma coisa...

Uma boa verdade é boa e um bom erro é bom...

NUMA VIAGEM ILLUSTRE

Bernard Shaw e Chauney M. Depew encontraram-se uma vez no mesmo navio. Iam para os Estados Unidos, com varias conferencias na bagagem. O commandante deu um grande jantar em honra dos dois escriptores. Quando chegou o momento dos speeches, Shaw falou primeiro. Cinco minutos. Bruto successo. Depois, Depew ergueu-se e disse:

— Captain, ladies and gentlemen, antes de virmos para a mesa, combinamos, Shaw e eu, trocar os nossos discursos. Elle acaba de exhibir o meu. E, lamentavelmente, verifico que perdi o delle. Aliás, pelo que me lembro, não era interessante.

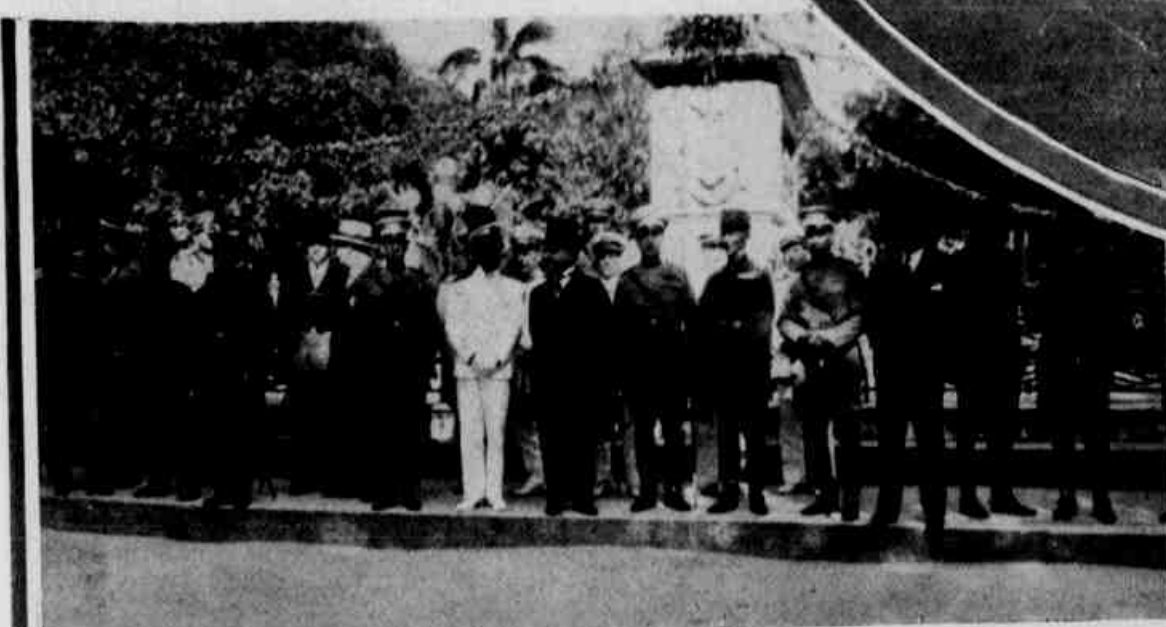
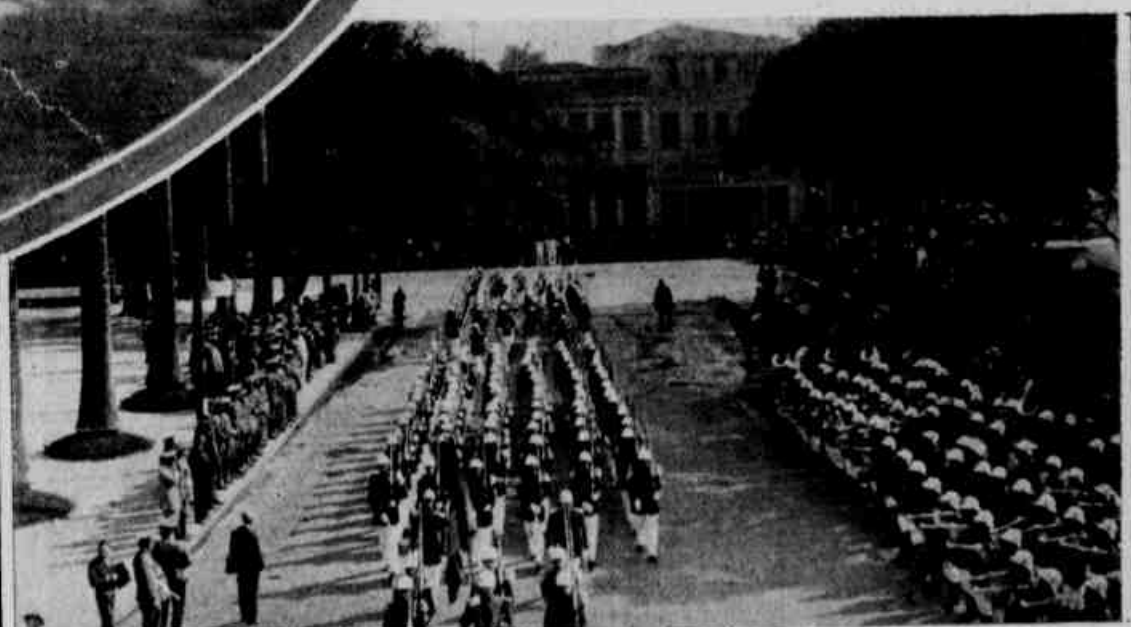
E sentou-se, entre risos geraes.

No dia seguinte, um senhor americano encontrou Bernard Shaw a um canto do tombadilho e confessou-lhe com a mais desarmante das convicções:

— Sir, que sacrificio o seu de hontem á noite! Sempre tive Depew por um homem intelligente. Mas, francamente, aquelle discurso é a coisa peor que eu já ouvi, na minha vida!

Para-Todos...

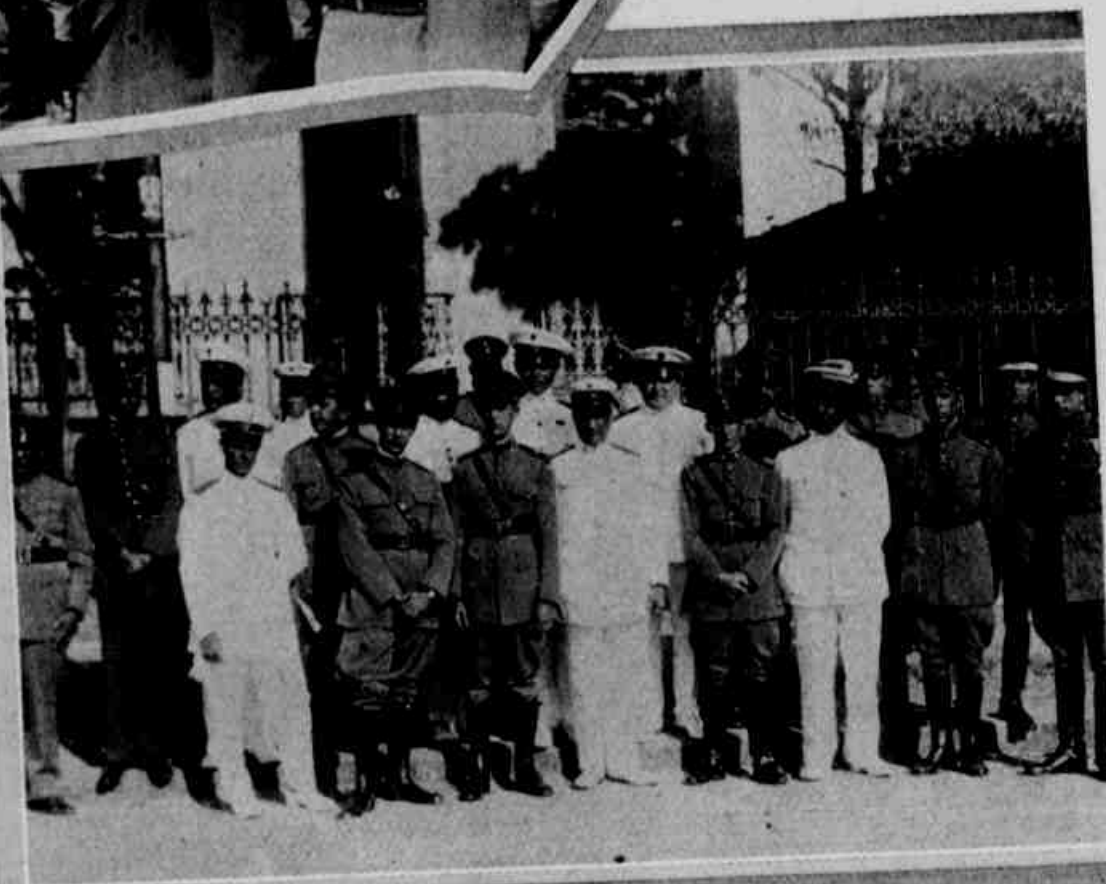
RIO
5
IX
1931

A alegria da cidade no dia 25 foi toda para os seus defensores. O Dia do Soldado que se festeja com o nascimento de Caxias, gloria e exemplo dos homens de farda, foi uma idéa nobre e bella do General Menna Barreto. O governo do Brasil e o povo da sua Capital juntaram-se nas homenagens prestadas ao Grande Soldado e a todos os soldados da nossa terra.

O Chefe do Governo e os Ministros da Guerra e da Marinha junto da estatua de Caxias.

Escola de Sargentos, disciplinada e altiva, desfilando em homenagem ao Grande Soldado.

Na Escola Militar

Juramento á bandeira pelos novos alumnos no estadio de Realengo.

Corpo de Cadetes

Entrega do estandarte pelo Chefe do Governo Provisorio.

As homenagens ao Duque de Caxias em Nictheroy

Em Nictheroy, o Dia do Soldado foi festejado pela Força Militar. A' esquerda o General Menna Barreto, Interventor Federal entre autoridades e officiaes. A' direita, o tenente-coronel Carlos Muniz Barreto, com o commandante do 1º Batalhão da Força Militar e outros officiaes, depois do hasteamento da bandeira, na manhã de 25 de Setembro.

Em baixo: a Escola Uruguay, no dia da Independencia da Republica amiga, ao receber a visita do Embaixador Ramos Montero.

DE ALVARO MOREYRA

Desenho de CAROLYN EDMUNDSON

Tinha uma vóz de acquario. Uma vóz com peixes dourados e vermelhos, humida, transparente, que dava vontade de metter as mãos dentro della. Não parecia haver nascido como as outras mulheres nascem, pequeninas, sem cabello, chorando. Parecia feita com pedaços alheios: os olhos andaram em Madame Du Barry; o nariz em Pepa Ruiz, a antiga; os cabellos em Jeanne D' Arc; a bocca na Marqueza de Santos... as mãos, tudo, tudo, tudo vinha de corpos differentes, de varias celebridades nacionaes e estrangeiras. Chamava-se Ruth, tal qual aquella das espigas. Vivia no titulo de uma peça de Dumas Fils: «le Demi-Monde». Adorava champanha com ether. Usava luvas côr de perola, sapatos de salto baixo e uma limusina Ford. O seu perfume, de Babani. Os seus livros, de André Gide. Os seus vestidos de Jean Patou. Meias, tão invisiveis que não perturbavam as pernas. Cantava. Cantava principalmente canções russas. Sabia de cór enredos de fitas de Moscou prohibidas pela censura. Religiosa. Ia confessar-se nas quintas-feiras, commungava nas sextas. Mas nos sabbados resurgia: Alleluia! Não morreu de tuberculose como sempre lhe aconselhei. Morreu de caviar. Dentro do caixão não se descobria nos labios della o sorriso bom dos mortos. Levou para debaixo da terra, enfeitada de rosas e margaridas, uma longa melancolia. A esta hora já entregou ás donas os detalhes da sua belleza exquisita, mais de sugestão do que de realidade. Com os ossos do esqueleto, daqui a pouco fará fichas. Foi a maior paixão que lhe conheci: a roleta. Perdia invariavelmente. Perdia até ás tres da manhã, nas salas de jogo. As' tres punha os «ultimos haveres» no 21, não ganhava e dizia, fixando em torno a fumaça junto de cigarros, charutos e cachimbos:—Vamos embóra. Não supporto este ar viciado.

Pobre Ruth! Podia viver mais. Não teve tempo . . .

MULHERES NA AGUA

Saltos de Madame Herrent

Campeãs de natação. Em cima: Miss White.

Posando...

Mlle. Seguiller

Mlle. Beaudu

A SEGUNDA

MONSENHOR CALDAS interrompeu a narração do desconhecido: — Dá licença? é só um instante. Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia e disse-lhe em voz baixa:

— João, vae ali á estação de urbanos, fala da minha parte ao commandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doudo. Anda, vae depressa.

E, voltando á sala:

— Prompto, disse elle; podemos continuar.

— Como ia dizendo a Vossa Reverendissima, morri no dia vinte de março de 1860, ás cinco horas e quarenta e tres minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito annos de idade. Minha alma vôou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrellas e o sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão sómente por uma luz diffusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustiveis. A sua pegou fogo alguma vez?

— Não, senhor.

— São incombustiveis. Fui subindo, subindo; na distancia de quarenta mil leguas, ouvi uma deliciosa musica, e logo que cheguei a cinco mil leguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de ether e plumas. Entrei dahi a pouco no novo sol, que é o planeta dos virtuosos da terra. Não sou poeta, monsenhor; não ouso descrever-lhe as magnificencias daquella estancia divina. Poeta que fosse, não poderia, usando a linguagem humana, transmittir-lhe a emoção da grandeza, do deslumbramento, da felicidade, os extases, as melodias, os arrojos de luz e côres, uma cousa indefinivel e incomprehensivel. Só vendo. Lá dentro é que soube que completava mais um milheiro de almas; tal era o motivo das festas extraordinarias que me fizeram, e que duraram dois seculos, ou, pelas nossas contas, quarenta e oito horas. Afinal, concluidas as festas, convidaram-me a tornar á terra para cumprir uma vida nova; era o privilegio de cada alma que completava um milheiro. Respondi agradecendo e recusando, mas não havia recusar. Era uma lei eterna. A unica liberdade que me deram foi a escolha do vehiculo; podia nascer principe ou conductor de omnibus. Que fazer? Que faria Vossa Reverendissima no meu logar?

— Não posso saber; depende...

— Tem razão; depende das circumstancias. Mas imagine que as minhas eram taes que não me davam gosto a tornar ca. Fui victima da inexperiencia, monsenhor, tive uma velhice ruim, por essa razão. Então lembrou-me que sempre ouvira dizer a meu pae e outras pessoas mais velhas, quando viam algum rapaz: — "Quem me dera aquella idade, sabendo o que sei hoje!" Lembrou-me isto, e declarei que me era indifferente nascer mendigo ou potentado, com a condição de nascer experiente. Não imagina o riso universal com que me ouviram. Job, que ali preside a provincia dos pacientes, disse-me que um tal desejo era disparate; mas eu temei e venci. Dahi a pouco escorreguei no espaço; gastei nove mezes a atravessal-o até cahir nos braços de uma ama de leite, e chamei-me José Maria. Vossa Reverendissima é Romualdo, não?

— Sim, senhor; Romualdo de Souza Caldas.

— Será parente do padre Souza Caldas?

— Não, senhor.

— Bom poeta o padre Caldas. Poesia é um dom; eu nunca pude compor uma decima. Mas, vamos ao que importa. Conto-lhe primeiro o que me succedeu; depois lhe direi o que desejo de Vossa Reverendissima. Entretanto, se me permittisse ir fumando...

Monsenhor Caldas fez um gesto de assentimento, sem perder de vista a bengala que José Maria conservava atravessada sobre as pernas. Este preparou vagarosamente um cigarro. Era um homem de trinta e poucos annos, pallido, com um olhar ora molle e apagado, ora inquieto e centelhante. Appareceu ali, tinha o padre acabado de almoçar, e pediu-lhe uma entrevista para negocio grave e urgente. Monsenhor fel-o entrar e sentar-se; no fim de dez minutos, viu que estava com um lunatico. Perdoava-lhe a incoherencia das idéas ou o assombroso das invenções; póde ser até que lhe servissem de estudo. Mas o desconhecido teve um assomo de raiva, que metteu medo ao pacato clerigo. Que podiam fazer elle e o preto, ambos velhos, contra qualquer aggressão de um homem forte e louco? Emquanto esperava o auxilio policial, monsenhor Caldas desfazia-se em sorrisos e assentimentos de cabeça, espantava-se com elle, alegrava-se com elle, politica util com os loucos, as mulheres e os potentados. José Maria accendeu finalmente o cigarro, e continuou:

— Renasci em cinco de Janeiro de 1861. Não lhe digo nada da nova meninice, porque ahi a experiencia teve só uma fórma instinctiva. Mamava pouco; chorava o menos que podia para não apanhar pancada. Comecei a andar tarde, por medo de cahir, e dahi me ficou uma tal ou qual fraqueza nas pernas. Correr e rolar, trepar nas arvores, saltar paredões, trocar murros, cousas tão uteis, nada disso fiz, por medo de contusão e sangue. Para falar com franqueza, tive uma infancia aborrecida, e a escola não o foi menos. Chamavam-me tolo e moleirão. Realmente, eu vivia fugindo de tudo. Creia

que durante esse tempo não escorreguei, mas tambem não corria nunca. Palavra, foi um tempo de aborrecimento; e, comparando as cabeças quebradas de outro tempo com o tédio de hoje, antes as cabeças quebradas. Cresci; fiz-me rapaz, entrei no periodo dos amores... Não se assuste; serei casto, como a primeira ceia. Vossa Reverendissima sabe o que é uma ceia de rapazes e mulheres?

— Como quer que saiba?...

— Tinha dezenove annos, continuou José Maria, e não imagina o espanto dos meus amigos, quando me declarei prompto a ir a uma tal ceia... Ninguem esperava tal cousa de um rapaz tão cauteloso, que fugia de tudo, dos somnos atrazados, dos somnos excessivos, de andar sózinho a horas mortas, que vivia, por assim dizer, ás apalpadellas. Fui á ceia; era no Jardim Botanico, obra esplendida. Comidas, vinhos, luzes, flores, alegria dos rapazes, os olhos das damas, e, por cima de tudo, um appetitte de vinte annos. Hade crer que não comi nada? A lembrança de três indigestões apanhadas quarenta annos antes, na primeira vida, fez-me recuar. Menti dizendo que estava indisposto.

Monsenhor approvava de cabeça; ao mesmo tempo afiava as orelhas para vêr se ouvia passos na escada. Tudo silencio. Só lhe chegavam os rumores de fóra: — carros e carroças que desciam, quitandeiras apregoando legumes, e um piano da vizinhança. José Maria sentou-se finalmente, depois de apanhar a bengala, e continuou nestes termos:

— Um passaro, um grande passaro. Para ver quanto é feliz a comparação, basta a aventura que me traz aqui, um caso de consciencia, uma paixão, uma mulher, uma viuva, D. Clemencia. Tem vinte e seis annos, uns olhos que não acabam mais, não digo no tamanho, mas na expressão, e duas pinceladas de buço, que lhe completam a physionomia. E' filha de um professor jubilado. Os vestidos pretos ficam-lhe tão bem que eu ás vezes digolhe rindo que ella não enviuvou senão para andar de luto. Caçoadas! Conhecemo-nos ha um anno, em casa de um fazendeiro de Cantagallo. Sahimos namorados um do outro. Já sei o que me vae perguntar: porque é que não nos casamos, sendo ambos livres...

— Sim, senhor.

Vida — conto de Machado de Assis

— Mas, homem de Deus! é essa justamente a materia da minha aventura. Somos livres, gostamos um do outro, e não nos casamos: tal é a situação tenebrosa que venho expor a Vossa Reverendissima, e que a sua theologia ou o que quer que seja, explicará, se puder. Voltamos para a Côrte namorados. Clemencia morava com o velho pae, e um irmão empregado no commercio; relacionei-me com ambos, e comecei a frequentar a casa, em Matacavallos. Olhos, apertos de mão, palavras soltas, outras ligadas, uma phrase, duas phrases, e estavamos amados e confessados. Uma noite, no patamar da escada, trocamos o primeiro beijo... Perdôe estas cousas, monsenhor; faça de conta que me está ouvindo de confissão. Nem eu lhe digo isto senão para acrescentar que sahi dali tonto, desvairado, com a imagem de Clemencia na cabeça e o sabor do beijo na bocca. Errei cerca de duas horas, planeando uma vida unica; determinei pedir-lhe a mão no fim da semana, e casar dahi a um mez. Cheguei ás derradeiras minucias, cheguei a redigir e ornar de cabeça as cartas de participação. Entrei em casa depois de meia noite, e toda essa phantasmagoria vôou, como as mutações á vista nas antigas peças de theatro. Veja se adivinha como.

— Não alcanço...

— Considerei, no momento de despir o collete, que o amor podia acabar depressa; tem-se visto algumas vezes. Ao descalçar as botas, lembrou-me cousa peor: — podia ficar o fastio. Conclui a "toilette" de dormir, accendi um cigarro, e, reclinado no canapé, pensei que o costume, a convivencia, podia salvar tudo; mas, logo depois adverti que as duas indoles po-

to. Uma das damas veio sentar-se á minha direita, para curar-me; outra levantou-se tambem e veio para a minha esquerda, com o mesmo fim. Você cura de um lado, eu curo do outro, disseram ellas. Eram lepidas, frescas, astuciosas, e tinham fama de devorar o coração e a vida dos rapazes. Confesso-lhe que fiquei com medo e retrahi-me. Ellas fizeram tudo, tudo; mas em vão. Vim de lá de manhã, apaixonado por ambas, sem nenhuma dellas, e cahindo de fome. Que lhe parece? concluiu José Maria pondo as mãos nos joelhos, e arqueando os braços para fóra?

— Com effeito...

— Não lhe digo mais nada; Vossa Reverendissima adivinhará o resto. A minha segunda vida é assim uma mocidade expansiva e impetuosa, enfreiada por uma experiencia virtual e tradiccional. Vivo como Eurico, atado ao proprio cadaver... Não, a comparação não é boa. Como lhe parece que vivo?

— Sou pouco imaginoso. Supponho que vive assim como um passaro, batendo as asas e amarrado pelos pés...

— Justamente. Pouco imaginoso? Achou a formula; é isso mesmo. Um passaro, um grande passaro, batendo as asas, assim...

José Maria ergueu-se, agitando os braços, á maneira de asas. Ao erguer-se, cahiu-lhe a bengala no chão; mas elle não deu por ella. Continuou a agitar os braços, em pé, defronte do padre, e a dizer que era isso mesmo, um passaro, um grande passaro... De cada vez que batia os braços nas côxas, levantava os calcanhares, dando ao corpo uma cadencia de movimentos, e conservava os pés unidos, para mostrar que os tinha amarrados.

(Termina no fim do numero)

MULHERES NO AR

Mme. Marcel Gallot e sua filhinha

Mme. Maillet que atravessou duas vezes o deserto quando o seu marido commandava o centro de aviação da Ethiopia.

Miss Eléonor Smith, aviadora norte-americana. Tem 17 annos. Bateu o record mundial de altura, na categoria "Damas".

Em baixo: Mlle. Suzanne Deutsch de la Meurthe.

Em baixo: "Señorita Aviacion 1931", Purita Lopez, eleita ha pouco em Madrid.

Miss Peasche Wallace, primeira pilota de aeroplano na Inglaterra.

que durante esse tempo não escorreguei, mas tambem não corria nunca. Palavra, foi um tempo de aborrecimento; e, comparando as cabeças quebradas de outro tempo com o tédio de hoje, antes as cabeças quebradas. Cresci; fiz-me rapaz, entrei no periodo dos amores... Não se assuste; serei casto, como a primeira ceia. Vossa Reverendissima sabe o que é uma ceia de rapazes e mulheres?

— Como quer que saiba?...

— Tinha dezenove annos, continuou José Maria, e não imagina o espanto dos meus amigos, quando me declarei prompto a ir a uma tal ceia... Ninguem esperava tal cousa de um rapaz tão cauteloso, que fugia de tudo, dos somnos atrazados, dos somnos excessivos, de andar sózinho a horas mortas, que vivia, por assim dizer, ás apalpadellas. Fui á ceia; era no Jardim Botanico, obra esplendida. Comidas, vinhos, luzes, flores, alegria dos rapazes, os olhos das damas, e, por cima de tudo, um appetitte de vinte annos. Hade crer que não comi nada? A lembrança de três indigestões apanhadas quarenta annos antes, na primeira vida, fez-me recuar. Menti dizendo que estava indisposto. Uma das damas veio sentar-se á minha direita, para curar-me; outra levantou-se tambem e veio para a minha esquerda, com o mesmo fim. Você cura de um lado, eu curo do outro, disseram ellas. Eram lepidas, frescas, astuciosas, e tinham fama de devorar o coração e a vida dos rapazes. Confesso-lhe que fiquei com medo e retrahi-me. Ellas fizeram tudo, tudo; mas em vão. Vim de lá de manhã, apaixonado por ambas, sem nenhuma dellas, e cahindo de fome. Que lhe parece? concluiu José Maria pondo as mãos nos joelhos, e arqueando os braços para fóra?

— Com effeito...

— Não lhe digo mais nada; Vossa Reverendissima adivinhará o resto. A minha segunda vida é assim uma mocidade expansiva e impetuosa, enfreiada por uma experiencia virtual e tradiccional. Vivo como Eurico, atado ao proprio cadaver... Não, a comparação não é boa. Como lhe parece que vivo?

— Sou pouco imaginoso. Supponho que vive assim como um passaro, batendo as asas e amarrado pelos pés...

— Justamente. Pouco imaginoso? Achou a formula; é isso mesmo. Um passaro, um grande passaro, batendo as asas, assim...

José Maria ergueu-se, agitando os braços, á maneira de asas. Ao erguer-se, cahiu-lhe a bengala no chão; mas elle não deu por ella. Continuou a agitar os braços, em pé, defronte do padre, e a dizer que era isso mesmo, um passaro, um grande passaro... De cada vez que batia os braços nas côxas, levantava os calcanhares, dando ao corpo uma cadencia de movimentos, e conservava os pés unidos, para mostrar que os tinha amarrados.

Monsenhor approvava de cabeça; ao mesmo tempo afiava as orelhas para vêr se ouvia passos na escada. Tudo silencio. Só lhe chegavam os rumores de fóra: — carros e carroças que desciam, quitandeiras apregoando legumes, e um piano da vizinhança. José Maria sentou-se finalmente, depois de apanhar a bengala, e continuou nestes termos:

— Um passaro, um grande passaro. Para ver quanto é feliz a comparação, basta a aventura que me traz aqui, um caso de consciencia, uma paixão, uma mulher, uma viuva, D. Clemencia. Tem vinte e seis annos, uns olhos que não acabam mais, não digo no tamanho, mas na expressão, e duas pinceladas de buço, que lhe completam a physionomia. E' filha de um professor jubilado. Os vestidos pretos ficam-lhe tão bem que eu ás vezes digo-lhe rindo que ella não enviuvou senão para andar de luto. Caçoadas! Conhecemo-nos ha um anno, em casa de um fazendeiro de Cantagallo. Sahimos namorados um do outro. Já sei o que me vae perguntar: porque é que não nos casamos, sendo ambos livres...

— Sim, senhor.

Vida

CONTO DE MACHADO DE ASSIS

— Mas, homem de Deus! é essa justamente a materia da minha aventura. Somos livres, gostamos um do outro, e não nos casamos: tal é a situação tenebrosa que venho expor a Vossa Reverendissima, e que a sua theologia ou o que quer que seja, explicará, se puder. Voltamos para a Côrte namorados. Clemencia morava com o velho pae, e um irmão empregado no commercio; relacionei-me com ambos, e comecei a frequentar a casa, em Matacavallos. Olhos, apertos de mão, palavras soltas, outras ligadas, uma phrase, duas phrases, e estavamos amados e confessados. Uma noite, no patamar da escada, trocamos o primeiro beijo... Perdôe estas cousas, monsenhor; faça de conta que me está ouvindo de confissão. Nem eu lhe digo isto senão para acrescentar que sahi dali tonto, desvairado, com a imagem de Clemencia na cabeça e o sabor do beijo na bocca. Errei cerca de duas horas, planeando uma vida unica; determinei pedir-lhe a mão no fim da semana, e casar dahi a um mez. Cheguei ás derradeiras minucias, cheguei a redigir e ornar de cabeça as cartas de participação. Entrei em casa depois de meia noite, e toda essa phantasmagoria vôou, como as mutações á vista nas antigas peças de theatro. Veja se adivinha como.

— Não alcanço...

— Considerei, no momento de despir o collete, que o amor podia acabar depressa; tem-se visto algumas vezes. Ao descalçar as botas, lembrou-me cousa peor: — podia ficar o fastio. Conclui a "toilette" de dormir, accendi um cigarro, e, reclinado no canapé, pensei que o costume, a convivencia, podia salvar tudo; mas, logo depois adverti que as duas indoles po-

(Termina no fim do numero)

MULHERES NO AR

Mme. Marcel Gallot e sua filhinha

Mme. Malnet que atravessou duas vezes o deserto quando o seu marido commandava o centro de aviação da Ethiopia.

Miss Eléonor Smith, aviadora norte-americana. Tem 17 annos. Bateu o record mundial de altura, na categoria "Damas".

Em baixo: Mlle. Suzanne Deutsch de la Meurthe.

Em baixo: "Señorita Aviacion 1931", Purita Lopez, eleita ha pouco em Madrid.

Miss Peasche Wallace, primeira pilota de aeroplano na Inglaterra.

ODE PESSIMISTA

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

NA luz violenta da manhã, saio, entre os genipapeiros, com o desejo emphatico de sentir a plenitude da Vida e a perpetua alegria derramada pela Terra...

Meu ser é uma paizagem fatigante. Morro de vêl-a, obstinada, sempre egual. Em vão sophismo com blandicias, querendo-a enriquecida á força de cultura, v a r i a , imprevista e opulenta. Quando muito será paizagem de pedante. E é indecorosa.

Mas, entre os genipapeiros, na luz violenta da manhã, vim arejar a prisão obscura em que me confino.

Bem sei que o mundo é minha representação e que todo o Universo, todo o immenso Universo, é uma simples creação de meus pobres sentidos.

Comtudo, aqui, no quadro tropical, não ha logar commum de philosophia natural que possa resistir á luz violenta da manhã.

Meu ser monotono e insistente perdeu-se no esplendor estridente do dia sertanejo.

A vida, a vida numerosa e unanime, affirama-se jovialmente, sem argumentos metaphysicos. Ha u m a incontinencia geral e perturbadora e uma alegria vasta e impudente de existir.

E' um concerto egualitario: — nenhuma voz se impõe ou impera só. A' eloquencia dogmatica da cachoeira distante une-se o chiado de milhões de cigarras trefegas. O t rilo melifluo das aves soffre a pateada dos galhos irreverentes. E, invisivel, desapiedadamente, um carro de bois, na encosta, avoluma a zoada delirante.

Deixei a sombra tremula dos genipapeiros. E, de o ter julgado illusorio, o sol castiga-me cruelmente. Pisando o dorso magro da terra abrasada, hesito e titubeio á claridade excessiva.

Vejo no ar denso e cantante ondulações multi-coloridas. O azul do céu parece escorrer do alto, esbanjando-se sobre a matta, em que me embrenho, emfim, tonto e exhaurido.

E eu, que queria commungar com o Todo Infinito...

Aqui ha um derrame desmedido de verde. Verde profundo de frondes, verde frivolo de parasitas, verde jovial de folha tenra, verde pisado de folha secca, verde franco de jatobás e de peróbas, verde dubio de timbaúbas, verde atrevido de cipós, verde monotono, verde redundante.

Na mattaria, assim, indefinidamente verde, verde, repousam minhas pupillas offuscadas, até que, de entre o verde de um cerrado, têm a surpresa deliciosa de uma nota de nankim.

E' um mutum, parado, pensativo soberbo como uma ave heraldica, de um preto de nankim.

— Ave fatua, pensei, fugida de um brasão germanico para a floresta tropical...

Mas, logo, como a me responder, pia o mutum tristemente, humildemente, desconsoladamente.

Sáe-lhe do bico escarlate, em vez do canto marcial, que eu esperava ouvir, impaciente, uma queixa confusa, um gemido de dor obscuro, a tremer na mattaria sonóra:

"Mundo verde e immenso, em que erro sózinho, como eu poderia confundir-me em ti? Ambicioso e ardente, vivo prisioneiro da alma exigua e pobre que a sorte me deu.

"Certo, eu bem quizera, Mundo mysterioso, no teu ser profundo transfundir meu ser. Mas, do claustro escuro a que fui fadado, nem meu sonho inquiéto póde te alcançar.

"Sei que existes, Mundo; sei que és tudo aquillo que se agita ou pára fóra do meu ser. Sei que és flor e fruto; sei que és rio e serra; sei que és tudo aquillo que eu quizera ser...

"Sinto obscuramente, Mundo numeroso, que da mesma essencia procedemos. E é esse sentimento que me faz mais triste, esse sentimento que me faz mais só.

"Entretanto, Mundo que e u cobiço e chamo, quem sabe se soffres de meu mal tambem? Quem sabe se encerras, no teu ser enorme, tantos seres v i v o s quantas solidões?..."

Pena

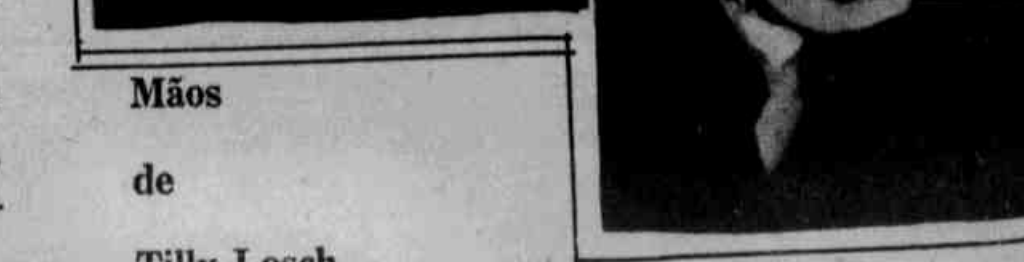
Exaltação

Angustia

Medo

(Photos Vandamm)

Raiva

Malicia

Mãos de Tilly Losch

Na Embaixada Norte - Americana

Foi domingo o fecho da temporada deste anno das festas em beneficio da Pequena Cruzada. O chá hollandez, na Embaixada Americana, servido por lindas senhoritas, teve um exito enorme.

NA FEIRA DE AMOSTRAS

As candidatas ao titulo de "Rainha da Colonia Portugueza", foram festejadas no "Dia de Portugal".

NO AUTOMOVEL CLUB

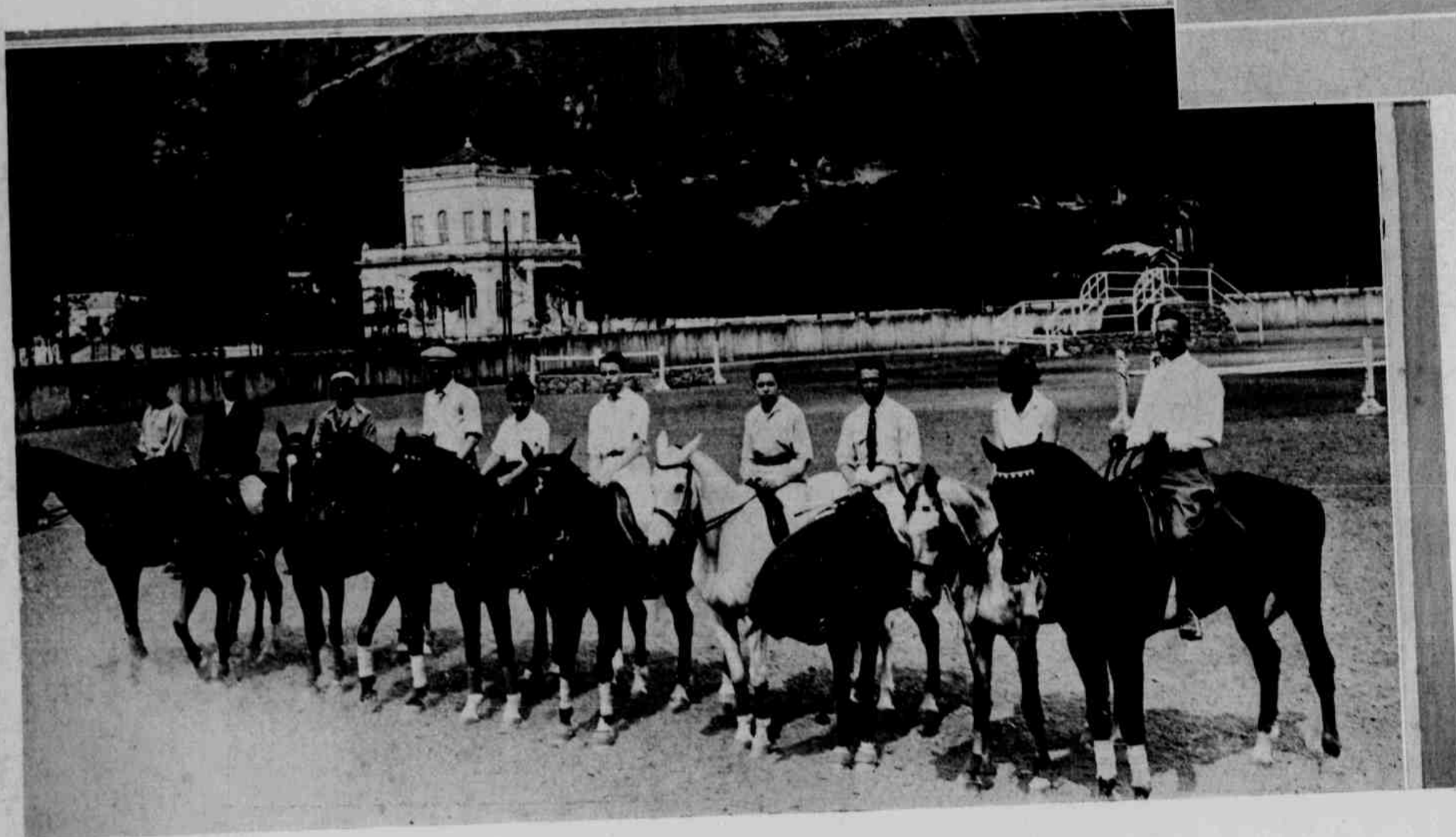
Aspecto do salão, sabbado passado, durante o chá que reuniu ali uma chusma de gente bonita.

NO CENTRO HIPPICO

Grupo de concurrentes ás provas da outra semana.

Les Montparnos

BARS E CABARETS DE PARIS

TEXTO E ILLUSTRAÇÕES DE SEM

ELLES pullulam. Ha quasi tantos quantos costureiros e modistas. Depois da guerra, os estrangeiros, principalmente os americanos (outra invasão), atiraram-se sobre Paris que se preparou para os receber, como nas épocas heroicas das exposições universaes. Brotaram da terra, em todos os cantos, particularmente em Montmartre e em Montparnasse, restaurantes, estalagens, posadas, cabanas, b o s q u e s e plantações... nem sei! O genero hospedaria multiplicou-se furiosamente. Nas paredes renasceram todas as insignias do Velho Paris, as gallinhólas e as narcejas, os patos bravos e os patinhos, as lagostas e os caracóes, as gallinhas de cassaróla e os gallos ousados, os burros vermelhos e os cavallos brancos e malhados; numa palavra, toda a fauna dos velhos albergues da antiga França.

Desprezemos esse pittoresco um pouco artificial e visitemos os restaurantes de aspecto mais authentico, menos pretenciosos... Sigamos o guia. Comecemos pelo Bois de Boulogne.

E' preciso ver o *Bar do Traktir* na alegria de uma clara manhã de primavera.

Todas as jovens elegantes de mais prestigio, todas as jovens esportivas, que fazem o *flirt-footing* na avenida do Marechal Foch, os cavalleiros e as cavalleiras em calções mais ou menos entufados, com as botas polidas, de um lindo tom castanho, os jogadores e as jogadoras de tennis com sandalias brancas, casaco de "tweed", *raquettes* debaixo do braço, os "gigolôs" que, cabellos ao vento, enchem o ar com o ruido das descargas de "Bugattis" e de motocycletas, — toda a mocidade exuberante, vinda do ar livre, que, pelo meio dia, a fome obriga a sahir do bosque, encontra-se no *Traktir*.

Nada é mais appetitoso do que esse atropelo, essa fome subita e insaciavel em torno das grandes travessas de lagostas, de camarões, de mariscos, de saladas de caranguejo, em torno das pilhas de "sandwiches" de caviar e dos copos com pés de aipo e das espigas de milho verde, tenro, fresco como o orvalho. Que lindo bar todo florido de "bouquets" de camarões e dois grandes ramos de rosas! Cada um se serve á vontade, no prato do vizinho ou da vizinha com uma gentil camaradagem, uma promiscuidade de escola mixta. Com a excitação dos *porto-flips* e dos *oyster-cocktails*, todo mundo fala, ri, indaga. As jovens, enpoleiradas nos escabellos, dominam o alegre gorgeio do viveiro. E' delicioso vel-as descascar com a ponta dos dedos os camarões vermelhos e brilhantes como as unhas polidas com pó de coral. Tem-se nos labios o gosto das ostras frescas, geladas como o beijo de uma sereia (pelo menos supponho). Cheiro de maresia, uma vaga brisa de m a r acaricia, exalta a imaginação e vêem-se (os *oyster-cocktails* ajudam) pernas e braços nus, a m o r e nados pelo sol, escaparam-se de roupões coloridos. E', subitamente, evocada a atmosphera de uma praia elegante á hora do banho. Jura-se estar no bar *Citroën* de Deauville ou no *Miramar* de Biarritz.

Mas o *Traktir*, com o seu scenario tão bem organisado, é ainda outra coisa. A exposição dos crustaceos que movem as tenazes arroxeadas, batem a cauda, o ruido dos peixes vivos que saltam, fazendo resplandecer num relampago nacarado o ventre branco, exhalando da grande guela aberta, agonias côr de arco-iris, no meio de toda essa magia submarinha, com a illuminação de aquario, a sombra verde e dourada, sonhamos com a grota de Amphitrite, a dois passos da estatua do genial autor dos *T r a b a l h a d o r e s d o m a r . . .*

E agora, vamos à *la Villette*, ao restaurante da *Tête de Bœuf*. Sigamos o guia.

Meio dia: é a hora em que os matadores vão beber. Com a horrorosa roupa de trabalho, dura de sangue coagulado, um copo vermelho na mão, fazem pensar nos *sans-culottes* bebendo, depois do massacre das prisões, o sangue impuro das victimas. Os terriveis cães que os acompanham completam o quadro. Em volta delles, deante do zinco, comprimem-se os ajudantes, os esfoladores e os sangradores, os braços nus salpicados de vermelho, o busto envolto em tiras de sacco ensanguentadas. Carregam, fixado á cintura por uma correia, o *estojo*, especie de caixa de madeira onde brilham, arrumados por tamanho, os alfanges e as facas. O afiador pende sobre a coxa. Os pés sem meias, são calçados com tamancos viscosos, como envernisados em vermelhão. Depois, vêm os que cuidam dos miudos e os fabricantes de cordas de tripa, aventaes ensanguentados, sujos de grandes manchas esverdeadas produzidas pela immundicie que sahe dos intestinos e jorra das barrigas esvasiadas. Emfim, as mulheres que se occupam com os porcos, as grandes elegantes dos matadouros: cabellos à *la garçonne*, perolas nas orelhas e no pescoço, affaveis e imponentes.

Quasi todos os homens carregam descuidadamente um grande cacho de glandulas de vitella, glandulas tremulas, de um rosa vivo de mucosas. De longe, seriamos capazes de jurar que elles têm na mão um ramalhete de begonias colhidas pouco antes. Parece-me que com essas glandulas fazem um excellente prato. No meio de todo o apparato de carnificina, um ramo de flores do campo sobre o balcão, a mancha azul celeste de um siphon, o verde refrescante de uma garrafa de hortelã põem umas notas delicadas e repousam a vista. Aliás, observando bem, os terriveis massacradores são homens honrados e fortes, de esplendidas bochechas vermelhas e de olhos ingenuos. Divertem-se, terminado o duro trabalho, empurram uns aos outros alegremente, dão tapas nas costas, enviam pilherias ás mulheres, companheiras de trabalho, e á empregada do balcão que faz graças e serve o aperitivo com gestos melindrosos, o dedo minimo no ar como flécha.

Daqui a pouco, na mesa, com os conductores de animaes vestidos com as suas blusas campestres impregnadas do cheiro são dos estabulos, os bravos trabalhadores vão

Le restaurant chinois

un bar aux abattoirs de la Villette...

devorar, ás dentadas, grandes entrecostos bem sangrentos. E' essa carne, tirada da fonte (si assim se póde dizer), que deu reputação aos restaurantes dos matadouros. As elegantes fatigadas procuram-n'os para tratarem a chlorose, porém verdadeiro vermelho nos labios, regenerarem-se, respirando o cheiro forte e alimentante do sangue fresco, quasi fervente, no contacto dos homens rudes e vigorosos, dos jovens matadores que dão a vida...

Nós, que não temos chlorose para tratar, vamos almoçar no restaurante de Brahim, do outro lado do rio. Quando digo: — *Nós*, é para usar o estylo nobre. Não convido ninguem para almoçar, mas, apenas para seguir o guia.

Paredes brancas, caiadas, tecidos coloridos cortados em arcos, grandes divans guarnecidos de almofadas em couro trabalhado, queima-perfumes de onde sóbem vapores de sandalo, penumbra perfumada onde gemem as flautas e resoa o tamborim, estamos em casa de Brahim, no restaurante da mesquita de Paris.

Le matin aux halles

Almoça-se num prato de cobre. No ar refrescado pelo repuxo que murmura a sua longa canção, no meio do pateo, experimento uma comida complicada. Tenho a bocca allucinada como se comesse um fogo de Bengala. Saboreio, assoprando a minha lingua, o "cúscús" de pimenta vermelha, *Kafta Kebal* de pimenta, extranhos doces de mel que apagam o meu paladar em chammas, tudo regado por um chá com perfume de hortelã e agua de geranio. Embalado pelo encanto adormecedor do Oriente, cochilo, quando sou brutalmente desorientado pela entrada imprevista de um bando de *Cook's* escoltado por varias raparigas de Mont-parnasse, as pernas insufficientemente cobertas e pouco iniciadas nos preceitos coranicos. Esses senhores e essas senhoras reclamam (e como!) "Champagne" secca. O encanto desapparece por um instante. Recostado nas almofadas junto de graves senhores de turbante, que fumam um imperturbavel narguilé, accommodo-me e *pirrelotiso* agradavelmente, bebendo o meu *kahoua* a pequenos goles espaçados.

Chez les Wikings

Por Allah! Será um milagre? Que ouço? Um leão, um verdadeiro leão de Atlas rugir!!!

Não nos impressionemos e vamos saudar no Jardim de Plantas, aqui perto, esse rei exilado, cujo rugido nostalgico nos chama. De passagem daremos assucar ao bom camelo, que passeia as crianças sobre a corcunda redonda. Isso nos trará a vantagem de prolongarmos as furtivas impressões do Oriente. E hoje, jantaremos na China, no *Quartier Latin*.

midinette aux Tuileries.

Tudo que é chinez me attrahe e me repelle ao mesmo tempo. Na porta do restaurante, hesito, presa de um panico de estomago e de reflexões perturbadoras. Mastigo em vão hypotheticos ninhos de andorinhas, descortiço barbatanas de tubarão, como mentalmente carne de cachorro. Mas, com franqueza, não tenho comido tantas vezes lesmas de concha, vulgarmente chamadas caracóes, e sapos verdes, denominados rãs? Vamos! nem tanto luxo! — nem tanto luxo! e entremos corajosamente.

Um preto alegre e inesperado, de gorro vermelho, abre a porta. No meio da fumaça, pares, evidentemente occidentaes, fox-troteiam aos accordes de uma jazz pobre, mas americana. Até ahi nada de particularmente celeste. Em vão, algumas lanternas grotescas pendem do tecto, alguns quadros imitando charão ornamentam as paredes. Esses fraudulentos objectos chinezes não me enganam. Fico desconcertado e decepcionado.

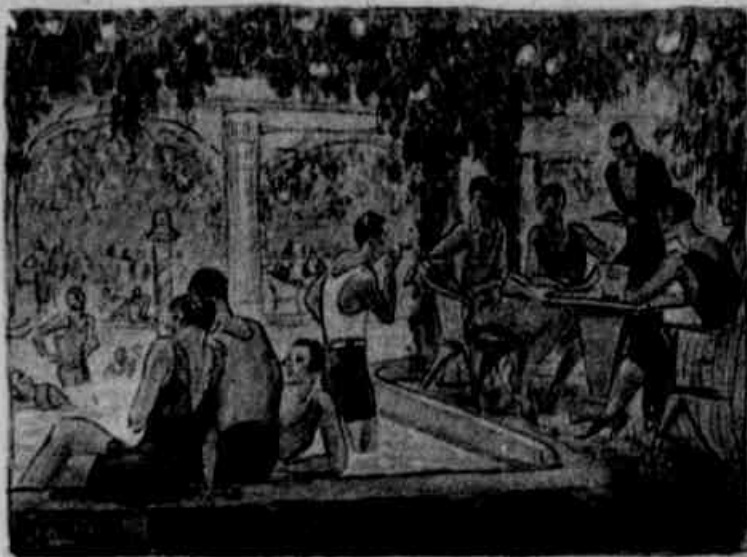
Ah! eis o dono da casa verdadeiramente chinez que se dirige para mim. Esse filho, esse enviado do Céu, salva a situação. A' vista do meu cartão, elle faz o favor de me conduzir á sobreloja e de me introduzir nos locaes reservados unicamente aos estudan-

tes do Celeste imperio. O que logo me chama a attenção é o tom, o rumor das palestras nessa sala baixa cheia de gente. A velha polidez chineza se manifesta desde a entrada. Mesuras e sorrisos sem fim entre os vizinhos de mesa. Percebe-se apenas um furtivo murmurio de boas vindas. Se uma exclamação mais viva, um riso mais alto explodem de repente, desses despropositos só são responsaveis as pequenas parisienses, camaradas dos senhores estudantes. Pois se só ha chinezes, não ha chinezas. Pelo menos não vi nenhuma.

Todos os estudantes estão vestidos á européa, salvo um importante e gordo personagem que conservou os habitos antigos: longa trança, gorro preto, tunica e calça de seda azul escuro. E', parece, um pedicura, muito acreditado, especie de mandarim de olho de perdiz.

Os jovens vestem com desembaraço ternos de uma concisa elegancia e de um gosto sobrio. Não ha nem *rastas* nem *snobs*. E' verdade que nem todos os filhos do Céo são bellos! Ha alguns mesmo com uma certa fealdade asiatica, de rostos vagos e como sem olhos. Mas todos têm um ar de distincção, uma finura aristocratica. Admiro aquelles cabellos negros, envernisados sobre a fronte pura, os rostos imberbes, cor de marfim, um pouco morbidos, mas tão lisos junto do meu que vejo, reflectido num espelho, todo pintado de azul pela barba raspada, semelhante a um pedaço de queijo *roquefort*.

Na mesa, uma toalha de papel. Ao lado do prato e da taça sem asa, uma colher de porcellana de cabo muito curto e as duas varetas tradicionaes que fazem as vezes de garfo. Faca não existe, a carne é feita já picadinha ou cortada antes de vir para a mesa em pequenos pedaços.

Le restaurant de la mosquée

Le Lido.

Vejo isso pelos pratos dos visinhos. Essas carnes cosidas e recosidas, longe do sabor primitivo, impossiveis de identificar, me inquietam. Persegue-me a idéa do cão comestivel. Mas o preço, na praça de Paris, de um *chow-chow* de lingua azul deve me socegar. Escolho na carta, escripta em chinez, que o *garçon* me traduz:

La douloureuse

Sopa de olho de bambú
Guisado de barbatanas de tubarão e ninho de passaros.
Frango ensopado com grello de bambú em cubos

Evito o guisado de tripas de peixe e outras especialidades muito suspeitas — e peço chá de jasmim. Eis-me rodeado de

pequenas tigelas, como cm pintor das suas tintas. Como misturar tudo isso e preparar a palheta? E ainda tem as varetas, as formidaveis varetas. Para aprender o *truc*, observo os visinhos de mesa. A virtuosidade delles me assombra .As varetas de velho marfim parecem o prolongamento dos dedos amarellados e finos. O movimento das mãos é de tal fórma seductor que eu me esqueço de comer. As varetas no fim do braço flexivel, abrem-se, e fecham-se, apanham os grãos de arroz com uma presteza tão certa que fazem pensar em bicos de cegonhas beliscando em todas as tigelas semelhantes a mangedouras de passaros. Agora, de parte o riso, é preciso fazer as honras ao jantar. Vamos, varetas ! Os primeiros ensaios são desastrosos. A minha falta de geito me desgosta a mim mesmo. Em vão uma encantadora visinha, assidua frequentadora da casa, já pratica, compadece-se da minha desgraça e rectifica, gentil professora, a posição dos dedos sobre as varetas de marfim como sobre as teclas de um piano. Renuncio e reclamo covardemente um garfo. Provo um pouco daqui, um pouco de lá, com circumspcção, na ponta da lingua. E' bom? E' ruim? E' salgado ou assucarado? E' acido ou doce? E' tudo isso ao mesmo tempo. Não é nem carne nem peixe nem cachorro nem tubarão. Os ninhos de passaros marinhos são cortados em pequenos tubos elasticos, têm o sabor iodado do sargaço. Imaginem pequenas bigornas comprimidas até tomarem a fórma de uma borracha. Ha tambem extranhos legumes que lembram flores fritas, com pistilos longos como pernas de aranhas. Parece-me que os pistilos remexem-se na tigella... Essa cosinha perversa nos introduz pouco a pouco na região das delicias... ou dos supplicios, á manei-

Le bal de la rue Blomet.

Le bar du Craktic.

ra lenta dos carrascos. Consome-se em secretas pesquizas para chegar a um resultado absurdo e equivoco que começa nos encantando e termina nos deixando perplexos e com extranhas nauseas. E' uma cosinha difficil, hermetica como certa litteratura e cubista como certa pintura. E' preciso ser iniciado. Uma boa taça do chá de jasmim, tão perfumado que eu tenho vontade de derramar algumas gottas no meu lenço, vae empurrar, espero, os cubos de borracha e afogar as barbatanas de tubarão.

Para terminar, busco no fundo da minha tigela, onde mergulho todo o rosto, um pouco do candido arroz. Ah ! que bom arroz honesto e confortante, com que prazer e com que confiança levo-o á bocca com o auxilio de uma unica vareta, segura entre dois dedos como uma caneta!... Agóra, partir e, ligeiro, uma excellente sopa de cebola e um chopp claro no café da *Source*, a dez mil leguas, do outro lado do *Boul'Mich'*.

E se variarmos de café? Um copo em Montparnasse?... Bem. Vejamos. Terraços !... Terraços historicos dos cafés-museus, dos cafés-capellas com as paredes cobertas por um enxame de quadros barbaros e ingenuos, dependurados como promessas, terraços transbordantes das cervejarias gigantescas, cathedraes da arte nova e do *cocktail*, violentamente illuminadas, onde se super-posam, do sub-solo ao telhado, quatro andares de consumidores e de dansarinos. Na vertigem perturbadora dos alcooes, o bailar das luzes ebrias reflectido nos espelhos, essas fachadas rutilantes e febricitantes parecem girar, levadas no enthusiasmo das orchestras de dansa, como grandes rodas de feira. E' bem a feira mundial da jovem pintura. E' lá que, findo o dia, vem acampar o bando assustador dos *fauves*. Em dez filas de cadeiras e de mesas comprimidas, uma extranha bohemia exotica, cabellos e pelles de todas as cores, bebe, exalta-se, discute arte, com gestos selvagens, em todos os dialectos do globo. Uma mistura de crentes e descrentes, de *snobs*, de Montparnôs de facto, com apparencia de aprendizes, artistas sinceros trabalhadores, falhados cahindo de inveja e de miseria devorando com os olhos os que chegam, os illustres, os genios consagrados em grandes discussões. As mulheres-pintoras, cabellos collados, cigarro na bocca, os pintores-mulheres, bem barbeados, empoados, olhos pintados, terno lilás, brincos nas orelhas... extranhos Nordicos carregando uma enorme cabelleira anelada que lhes cobre os hombros, como uns Luiz XIV albinos, Canaques encarapinhados borradores de coisas immundas, Rasputines com olhos de thaumaturgos, chinezes sem olhar, japonezes com oculos: mascarada pathetica ou epopéa da arte nova?

Emquanto esperamos resolver esse grave problema, vamos ceiar em casa dos Vikings, saborear uma gallinha das neves ou um *filet* de *rangifer*. Terminaremos a noite no baile da rua Blomet onde, no meio de uma fumaça acre sacudida pelas pulsações da grande caixa e da saraivada do tambor, numa atmosphera carregada de perfumes selvagens, anda em liberdade uma alegria toda animal, innocencia de paraiso terrestre negro que agrada aos nossos costumes de civilisados e á intrusão de Evas muito brancas e de peccadoras muito avisadas.

à la mosquée

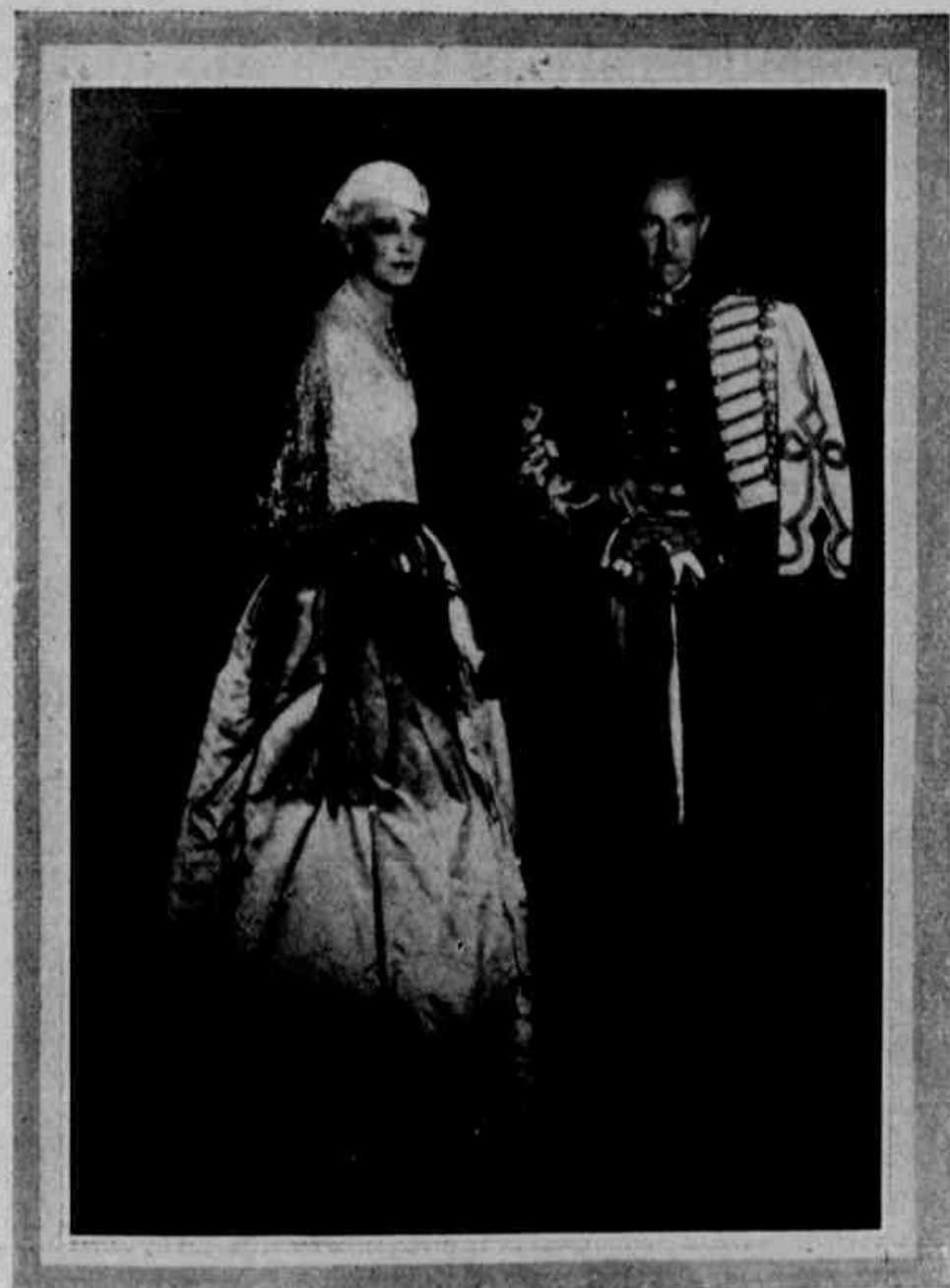
Acho que devo deixar em branco o espaço destinado a commentar esse quadro negro. Os pares matizados, na dansa expressiva, falam muito claramente, embora com sotaque negro, é superfluo e perigoso insistir — passemos. De mais a mais o dia desponta e convem ir ás Halles saudar o sol que se levanta bebendo um *pequeno preto* (ainda !) com os robustos e disciplinados homens do mercado.

E ao meio dia? Iremos almoçar ao meio dia? com as *midinettes!* No Jardim das Tuilleries onde ellas distribuem as migalhas do repasto frugal aos pequenos pierrots. Sigamos essas gentis parisienses, esses *Patous* creanças, até aos salões do costureiro da moda. Por um favor especial tomaremos um *drink* no pequeno bar, que é um amor, onde vão descançar, entre duas provas, as lindas clientes americanas. E' delicioso, reconfortante, um *porto-flips* depois das longas poses em que, de pé, sem a distracção de um cigarro, as bellas pacientes soffrem, com uma resignação enervante, como a das poldras de puro sangue durante o tratamento, o delicioso supplicio infligido pelas terriveis contra-mestras que as apalpam, viram, reviram, picam de sangrar com um *sorny!* mastigado entre os dentes cerrados sobre um mólho de alfinetes. Nenhum homem é admittido nesses bastidores secretos da elegancia á excepção do Mestre que, pelas portas entre-abertas sobre visões galantes dignas de um Fragonard moderno, lança um golpe de vista, diz uma palavra, modifica, corrige, dá o supremo piparote exclamando o cumprimento tão esperado: "Oh! *ripping!*" E' a ultima palavra.

Uf ! eis o nosso passeio terminado. Só nos resta, para nos refazermos, ir mergulhar na piscina azulada do Lido-Lido de uma Veneza bem parisiense, onde na ponte dos Suspiros retinem alegres detonações de rolhas de *Champagne* que saltam com as lindas mulheres mergulhando num repuxo scintillante.

Ah ! diabo ! Esqueci-me de sommar as despezas, a verdadeira dolorosa, nesses tempos de economias. E principalmente isso, mudou !...

Uma noite em Veneza

Na Embaixada da Italia, sabbado passado: a mesa com a Senhora Getulio Vargas e a Senhora Vittorio Cerrutti.

Parece um quadro... E' apenas uma linda photographia instantanea de Carlos Chapelin.

A Senhora Embaxatriz Vittorio Cerrutti, Dogareza. (Vestido authentico da época.)

Na embaixada da Italia

Entre as lindas "venezianas" que resurgiram sabbado estavam as senhoras Alberto Faria Filho (Condessa Foscarina), Hubrecht (Bergère de Watteau), Negra Bernardes Muller (Principessa Morosini), Marques Couto (La Moricelle cantatrice), Keeling (Principessa del Oriente), João Peixoto, Pedro Latif, Bandeira de Mello, Carlos Guinle, Alberto Betim Paes Leme, Felix Cavalcanti Lacerda, Benitez, José Carlos Figueiredo, Oswaldo Lindgren.

E as senhoritas Mabel Shaw, Lucila Noronha Santos, Nena Munoz, Gilda Rocha Miranda, Vera Roxo, Thereza Barros Moreira, Bella Betim Paes Leme, Laura Barros Moreira.

Veneza do seculo XVIII

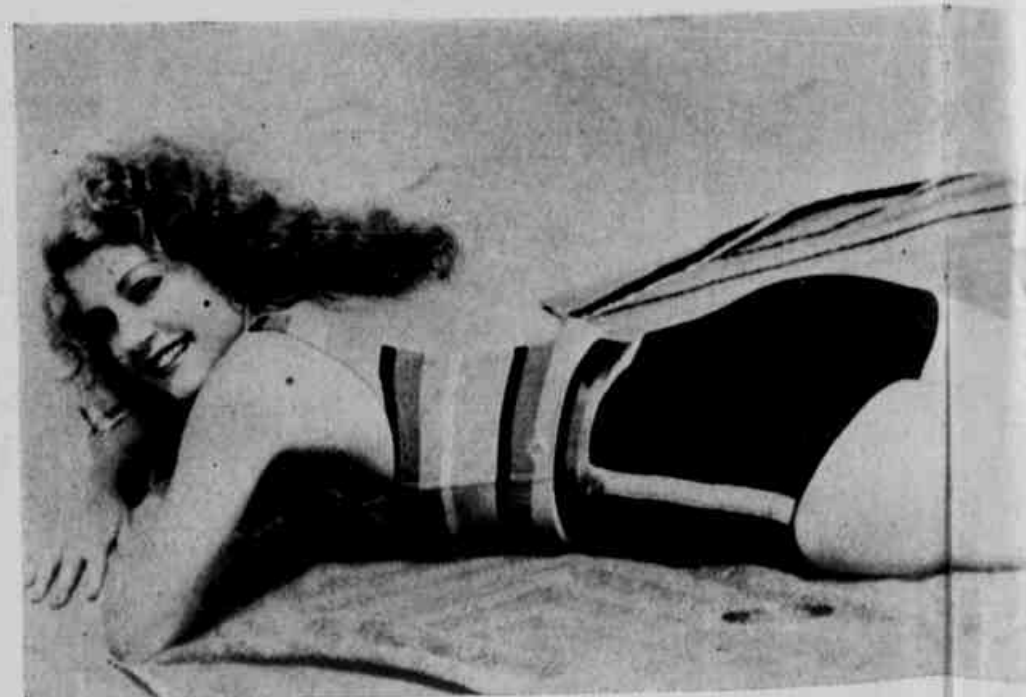
Entre os senhores encontramos, vindos daquelles tempos, Luiz, Paulo e Jack Sampaio, Hugo Delamare, Luiz Hermanny Netto, João Augusto, Oswaldo Penido e Armando Serzedello Corrêa (I fratellini), Sergio da Rocha Miranda (Casanova), Felippe de Oliveira (Pantalone), Mario Bittencourt (Pierrot), Marcello Castello Branco (Arlequim), Sully de Souza (Nobre), Luiz Betim Paes Leme e Keeling (Mascaras de ouro), Victor de Carvalho (Pagem Mouro), Gilberto Trompowsky (Arlequim), Verda (Duque de Valenstein).

As nossas photographias mostram algumas das personagens da festa maravilhosa que botou numa noite dentro do Rio a graça de um passado de belleza e espirito.

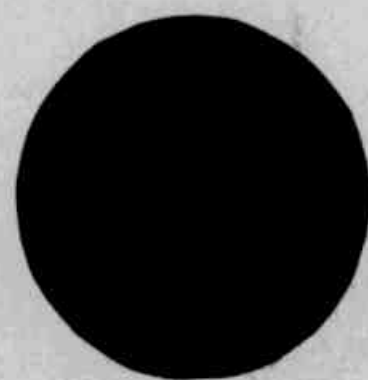
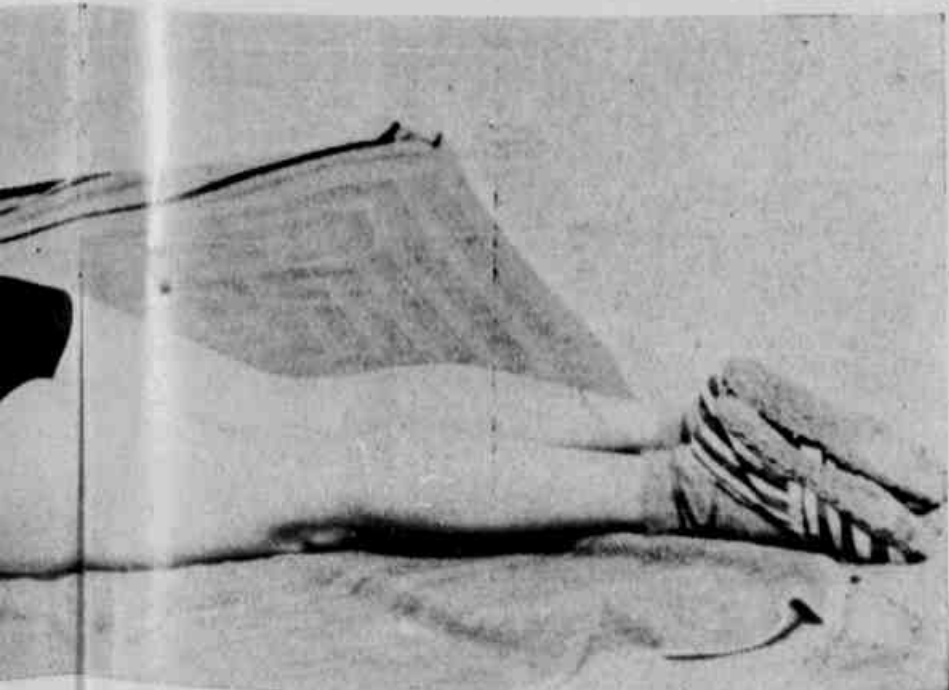
Janet Currie

Ruth Hall

Cine

Ruth Sol

h Hall

ema

h Solwyn

Lillian
Roth

Almoço ao Professor Castro Araujo

Amigos e collegas do grande cirurgião lhe offereceram, domindo, na Urca, um almoço que foi uma festa de sympathia e solidariedade á attitude que elle teve ao deixar a direcção technica do Hospital Evangelico.

Na Associação de Imprensa

Senhoritas Olga Praguer, Ada Macaggi, Igia Macedo Soares, Elisa Coelho, Senhoras Costa e Borbman, maestro Burle Max e seus companheiros que tomarão parte na festa da A. B. I. dia 10, no Theatro Municipal.

Em baixo: a mesa que presidiu a sessão solemne do Syndicato dos Professores de Ensino Secundario e Commercial, e um grupo feito durante o baile que se seguiu á sessão na séde da Associação dos Empregados no Commercio.

Syndicato dos Professores

Coqueiros do Norte

PALAVRAS DE MARIO SETTE

PHOTOGRAPHIAS DE OSCAR MARA

Coqueiro do sertão. Isolado, mofino, magrélo. E triste.

As palmas franjadas tombas para o caule num gesto de desanimo, de debilidade, de desesperança... Como uns braços sem coragem de mais supplicar, de mais invocar.

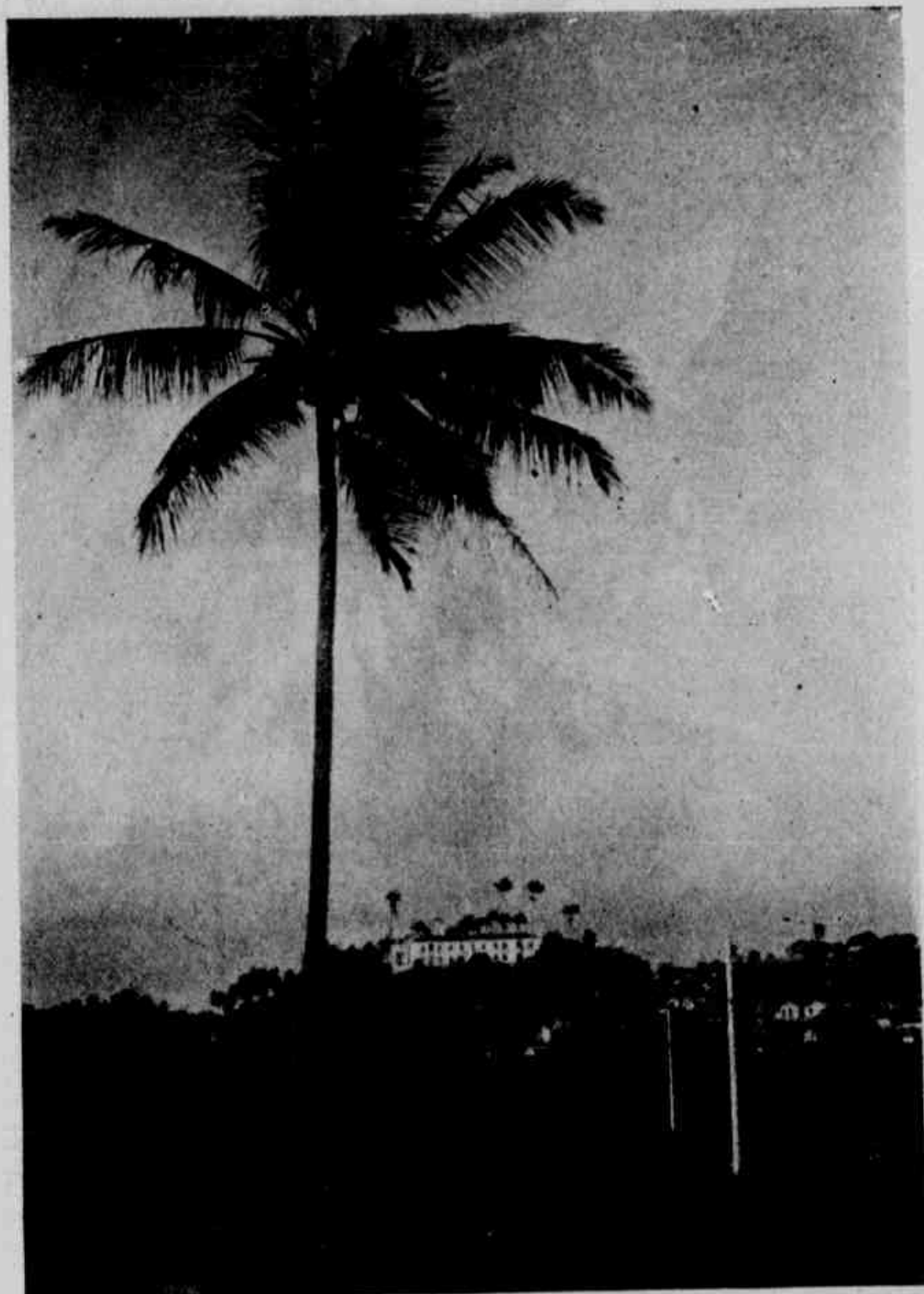
Em redor a hostilidade verde dos avelózes e dos garranchos pardos dos cactus.

Sol muito forte, de dia. Frio muito aspero, de noite.

Vôos de arribações. Aboios. Mugidos... Depois, silencio.

Coqueiro do sertão. Exilado. Sozinho, tristonho, assumptando...

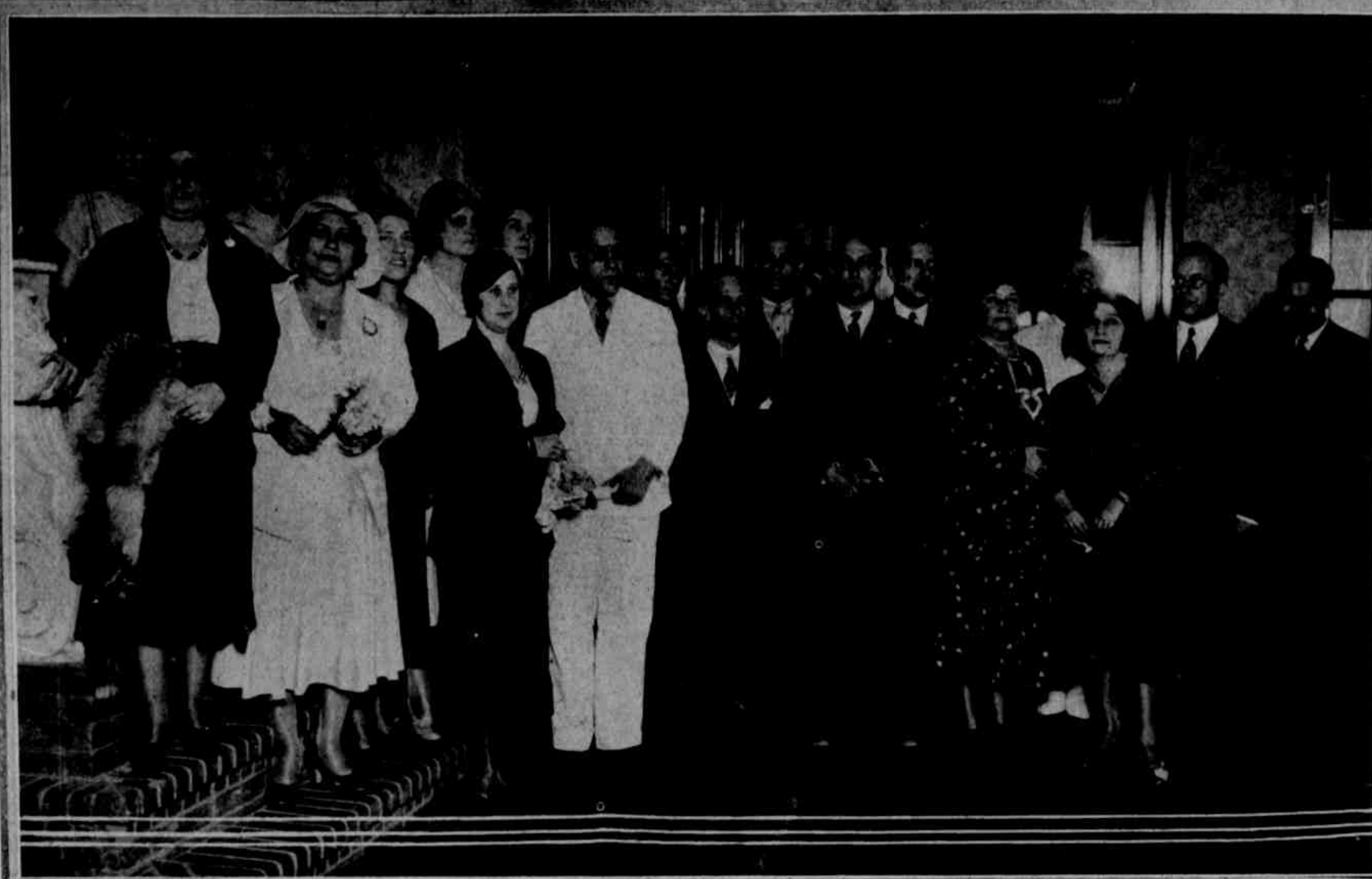
Cresceu como as creanças debeis. Fininho. Só tem altura. Um ar de doente, uma cabelleira rala, um quê de quem não se cria...

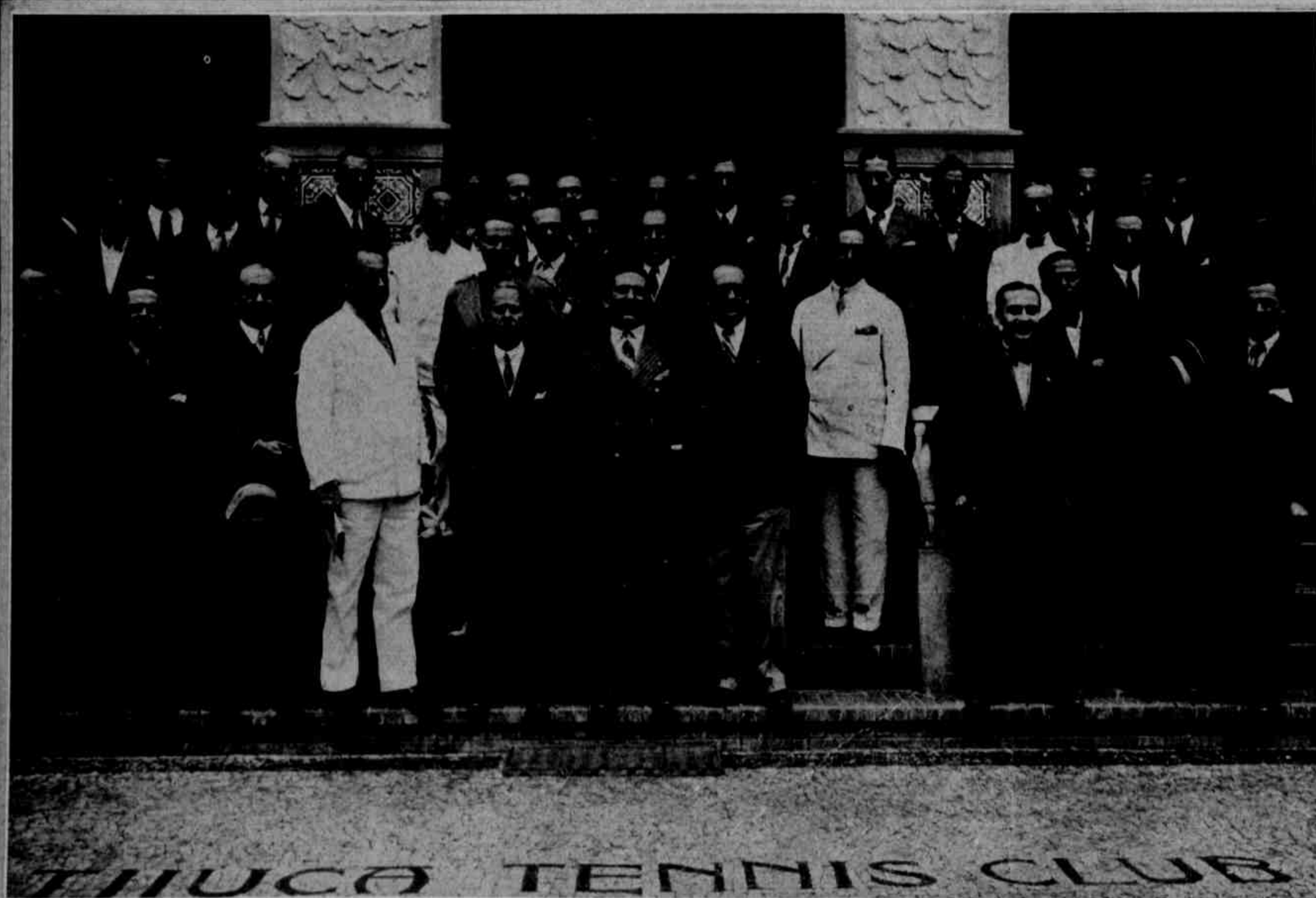
E, assim comprido, magro, parece querer espiar, cheio de saudades, por cima daquellas montanhas enormes, os seus irmãos que ficaram viçosos e alegres, á luz crúa das praias, á vista immensa do mar, ao arrepio dos ventos...

Coqueiro de praia. Contente na sua terra. Riso que canta nas palmas abertas, num gesto de quem mostra a belleza sadia do corpo. Aprumo de caule seivoso e rijo. Desgrenhado de copa de quem veio pelo sol numa carreira de alegria e de folego. Sangue verde e quente no brilho da folhagem. Vivacidade, agilidade, felicidade... Os frutos se entumecem sob o recato verdejante das franjas como seios turgidos de mulher mal velados por uma combinação de seda...

O vento cheirando a maresia, zune... O mar estoura. As jangadas vêm de mansinho para terra... As barcaças passam de bordejo... Um avião brinca de fazer susto... Rumores, claridades, movimentos.

E as palmas num cochichar acenam... Para os coqueiros mais proximos, bem na beira-mar. Para os mais distantes, em bandos, em bandos... Boa Viagem, Rio Dôce, Venda Grande, Janga, Candeias, Maria Farinha, Gaybú... Coqueiraes, coqueiraes... Festa de espanadores verdes...

Talvez por isso o céo seja sempre tão limpinho, tão azul, tão bonito.

Coqueiro de praia... Alegria de quem vive na terra a que se quer bem...

TIJUCA TENNIS CLUB

Na sua nóva séde, que é a casa mais bonita do bairro, o Tijuca Tennis Club offereceu um almoço á imprensa. Aqui estão duas photographias de lembrança dessa festa gentilissima. Em ambas, de branco, o presidente Heitor Beltrão.

Caixa de armar

IMAGINAÇÃO.

Ella surgiu vestida de verde, esvoaçante, esgalga,
trazendo nos gestos promessas de fadas
e a alvorada-menina pela mão...
Para o poeta já havia sido mais bella,
Antes...
Na imaginação!

FELICIDADE.

Ia cantando... gingando... onda vae, onda vem...
Sua voz era quente, viva, alegre, tilintante como um
guizo... Num adeus.
Felicidade, eu chego sempre atrazado!

POESIA.

Elle disse: até a morte.
Ella foi mais romantica: meu immortal amor.
... As estrellas tremeram de susto, mas,... foi o luar
o culpado...!

BRINQUEDO.

Adão, Eva e o Paraiso.
Tudo repetido!
Nessas cousas de amor, a differença está apenas no
scenario.

NAMORADO.

...Sem o desencanto da intimidade. Num sonho...!
Ah! Se eu fosse o namorado da Vida!

Carlos Monteiro

Carletto Thieben
(Desenho de Fandre)

Brasil Gerson
(Desenho de Balloni)

O Pintor Candido Portinari
(Desenho de Antonio Rocha)

A LIGA DAS NAÇÕES...
(FABULA)

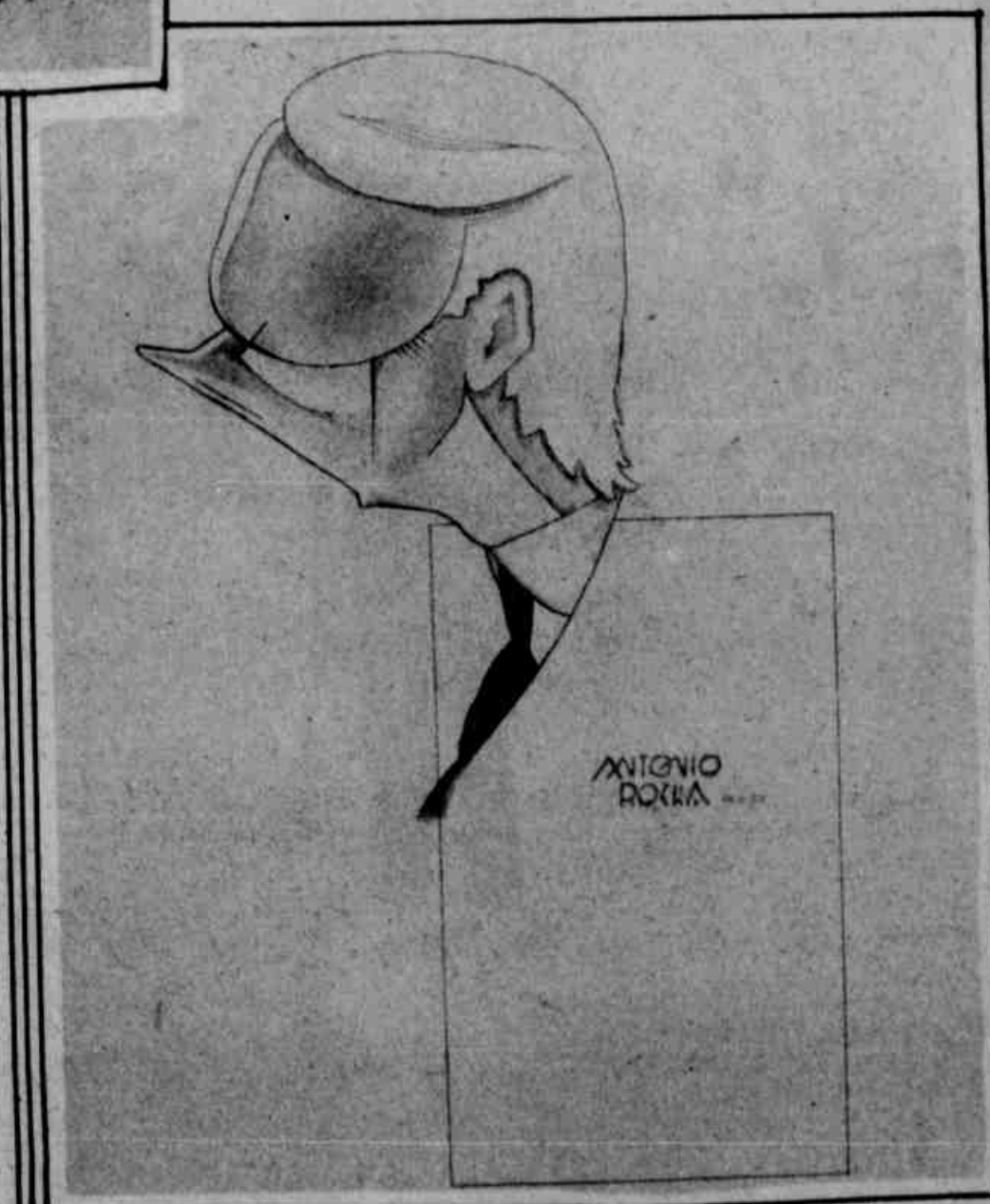
UM enorme balão, de côres vivas e bonitas, vindo, talvez, da alegria de alguma festa em casa de meninos ricos, cahia, serenamente, no bairro triste dos garotos pobres.

Nariz para o ar, os olhos vivos muito abertos, os moleques que ali se reuniram em pouco tempo, esperavam, anciosos a sua queda.

—Ninguem rasga! ninguem rasga! gritavam á uma.

Uma pedra vôou em direitura ao balão. Os outros moleques, ao envéz de repreenderem o que atirou a primeira pedra, seguiram o seu exemplo.

E o balão, muito antes de chegar ao solo, ficou todo estraçalhado...

J. GAMBA'

VASO

A manufactura tradicional moderniza-se. Aqui estão as suas peças mais recentes.

Faianças de Sèvres

PÓTES

A incessante vontade de renovar-se, aqui está nestes modelos.

VASO

VAMOS para

(Continuação)

Lisette
Coitadinho...
Coronel
Elle tem feito tudo para você gostar delle. E você responde sempre com evasivas. Já empregou todos os recursos possiveis e nenhum deu resultado... E' verdade?
Lisette
Elle não disse?
Coronel
E você que pensa delle?
Lisette
Que é necessario...
Coronel
(Com surpresa) Necessario?
Lisette
Naturalmente...
Coronel
Então você tem um gigolô? Eu não sou coronel!
Lisette
E' um meu gigilô subjectivo...
Coronel
Subjectivo?
Lisette
Para effeitos espirituaes...
Coronel
Nessa é que não creio!
Lisette
Então você admitte que uma mulher interessante possa viver sem essa valorização? Uma mulher que se preza tem que ter esse pessoal que vive a preoccupar-se com ella. Se não tiver é porque passa desapercebida... Para você isso deve até ser um orgulho; ter uma mulher adorada pelos outros...
Coronel
Sendo assim...
Lisette
E quem é de nós que não gosta de sentir esse prazer? Quem não gosta de brincar com a dor dos outros? A gente sabe que um homem gosta da gente. Sabe que não tem nenhuma sympathia por elle... Mas nunca o desillude de uma vez... Deixa uma pontinha de esperança, para que elle não desista... Isto é da vida. Chama-se vaidade... Você sabe o que é vaidade?
Coronel
E' ter uma mulher que o mundo todo deseja!...
Lisette
E' fazer dos homens actores excentricos de um theatro de marionettes...
Coronel
Eu serei tambem um actor desse theatro?
Lisette
Do meu theatro você é o empresario...
Coronel
(Accendendo um cigarro) Pois eu tenho as minhas duvidas, Lisette. Li em um chronista que na vida das mulheres ha sempre dois homens: — um que dá o dinheiro e outro que não dá... E que ás vezes leva...
Lisette
No nosso caso essa theoria não voga. Você tem ainda a frescura da segunda categoria. São dois proveitos num sacco...
Coronel
Eu sempre fui um grande psychologo das mulheres. (O telephone toca).
Lisette
(Attendendo) Allô... Lisette... (Fica um pouco embaraçada) Espere um instantinho... (Ao coronel) O porteiro está dizendo que mandam chamar você com urgencia ao seu hotel. Está lá o visconde de Romaes.
Coronel
Você me espera um momento? Eu já volto.
Lisette
(Sem desligar o telephone) Espero. Não se demore... (O coronel sae apressado) Oscar, diga ao Moacyr que faça a ligação d'aqui a cinco minutos. Olha: — se o velho perguntar alguma coisa, você informe que telephonaram do seu hotel e que o visconde de Romaes está lá. (Desliga, mas fica perto do apparelho, sorrindo. Accende um cigarro, conta os minutos no relogio. O telephone toca de novo) Allô... Lisette... E' você? Onde é que você está? Ahi em baixo, no hall? — Se póde subir? Não faça isso... Você me compromette... Eu estou em trajes muito perigosos... Assim é que é bom? Como você é sem vergonha... A situação continúa inalterada... Não mudou... Quando vae ser? Não sei... Está demorando muito? Mas as coisas demoradas á que são bôas... Mas não é muito... Jacob serviu ao pae de Rachel sete annos... A historia de Job? Conheço tambem... Gosto muito dos homens pacientes... Naturalmente. Você precisa ser ainda mais paciente do que Job. — Não faça isso! Eu não gosto de homens violentos! — Assim eu brigo com você! — Vae esperar? Assim é outra coisa... Até logo... Tenha juizo... (Desliga e fica um instante em attitude de reflexão. — Depois sorri.)

SCENA XXIII

LISETTE e a CRIADA

(Batem á porta)
Lisette
Quem é?
Voz da Criada
O chá...
Lisette
A porta está aberta.
A Criada
(Entrando com a bandeja) Bôa tarde, madame Lisette. A senhora parece que está contente...
Lisette
Eu sempre andei contente...
A Criada
E o homem do telephone? Aquelle...
Lisette
O Moacyr?
A Criada
Sympathico, não acha?
Lisette
Um bocadinho...
A Creada
A senhora parece que está judiando d'elle. Se eu pudesse arranjar um assim...
Lisette
Se quizer, está ás ordens...
A Criada
Isso não é dito de coração...
Lisette
Por que?
A Criada
Porque não ha quem resista a tanta prova de sympathia...
Lisette
Eu tenho resistido...
A Creada
Mas quando dér pela coisa será tarde... O amor é uma surpresa. Entra pela gente sem a gente sentir...
Lisette
Não acredito...
A Criada
O Dr. Guilherme accrescentaria que o amor obedece a uma lei de physica. O microbio do amor é a sympathia, a palavra cheia de carinho. São coisas que não têm fórma, que a gente não vê. E' um buraco... Parece dente extrahido sem dôr. Depois é que dóe...
Lisette
Mas você sabe que sou pratica no assumpto. Desconfio logo dessas coisas...
A Criada
A conversa está muito bôa, mas o chá está esfriando... Vou buscar outro. Não me demoro, madame Lisette.
Lisette
Fica para mais tarde. Eu não tenho vontade. (O telephone toca)
A Criada
O homem...
Lisette
(Sorrindo) Eu não estou...
A Criada
(Ao telephone) Allô! E' do apartamento de

P E Ç A
E M
7 QUADROS
D E
IBRASIL GERSON

madame Lisete. — Quem? (A Lisette) Não é o rapaz... E' o trouxa... (Sae)

Lisette

(A' criada) Menina!... (Ao telephone) Allô! E' você? O que houve? Não foi dahi do seu hotel que chamaram? Então foi engano do porteiro... Eu? Não póde ser, meu amor... Eu não ia inventar uma historia dessas, Juro! Pois se você quer que eu tenha um gigolô, arranje um neste momento! Quem é? — Ora... Você, meu bem? — Você tem todas as qualidades necessarias. — E' intelligente... E' carinhoso... Sabe dizer lindas palavras de amor... Não gasta dinheiro com as outras... Mais ainda? — E' o typo verdadeiro do homem que sabe amar... Um novo D. Juan com outras novas seducções... Está contente com a minha sinceridade? — Gosto muito de homens de intelligencia clara... Até logo... Vou me vestir. (Desliga o telephone, tira o peig-noir e, quando vae ficar em combinação, repara no Homem que fala sózinho, sahindo do logar do "ponto", com uns originaes debaixo do braço)

SCENA XIV

O HOMEM e LISETTE

O homem

Que linda que está! Que fórmas! Que convite ao peccado! Sabe que na vida só ha uma coisa gostosa? E' o peccado...

Lisette

O sr. quem é? (Com medo) Meu Deus! E' uma assombração! E' o demonio!

O homem

Precisamente; o demonio! O demonio, o grande artista da vida! O que fascina os homens de espirito! O que desvia os homens intelligentes do caminho do céo... Porque se a vida, no reino dos céos, fosse uma delicia e tivesse encantos e imprevistos, todos os malandros do mundo iriam para os conventos e seriam frades para assegurar, na eternidade, uma situação de destaque ao lado do Padre Eterno...

Lisette

Eu tenho medo de falar com o sr. Por que o sr. entrou no meu quarto? Como entrou? Com que direito?

O homem

Eu entrei para conversarmos um pouco... Eu gosto muito de conversar... (Senta-se) Dá licença? Sente-se tambem... aqui... Não sou o demonio, não... Sou talvez a verdade... Porque na vida não ha só uma verdade: ha diversas verdades. Sou uma dellas, a mais discreta, a que ás vezes é um pouco inconveniente... Eu tomaria, com prazer, um licor, e fumaria um cigarro... Quer offerecer-me o licor e o cigarro?

Lisette

Por que não? (e offerece)

O homem

(Bebendo e depois fumando) E então?

Lisette

Que quer perguntar?

O homem

Gosta desse rapaz que a persegue? Responda: responda com sinceridade...

Lisette

Gosto...

O homem

Se gosta, por que não se entrega a elle, de corpo e alma?

Lisette

Porque eu não acho que deva me entregar, forçada pela circumstancia de gostar...

O homem

Para que gosta então?

Lisette

Não ha uma só maneira de gostar...

O homem

Ha duas...

Lisette

Gostar para viver, para sentir a vida, para tirar da vida todas as emoções...

O homem

E gostar...

Lisette

... para viver da recordação da vida que foi vivida, das sensações que foram sentidas...

O homem

Eu comprehendi: existem dois amores: um que é uma tempestade, que vem e vae. E outro que é um vento brando que sopra sempre, que é preciso soprar sempre... E' o que eu chamaria um amor-confidencia, um amor differente, ou talvez menos: uma simples amizade, uma vontade mutua de se contarem saudades e de se fazerem castellos de felicidades vindouras...

Lisette

O sr. comprehende: eu queria desse rapaz um amor que ficasse com todas as suas outras intenções na ante-sala do meu quarto...

O homem

E elle quer de você um amor que comece justamente no quarto...

Lisette

(Com desolação) Todos iguaes...

O homem

(Bruscamente, põe o chapeu) Com licença! (e sae)

Velario rapido

QUADRO SEXTO

(Cabaret)

SCENA XXV

O HOMEM QUE FALA SÓZINHO e a MULHER DE VERDE

(Quando sobe o velario o homem que fala sózinho está sentado diante de um copo de whisky, na mesa da E. Está pensando e fumando. Entra a mulher de verde.)

O homem

Sonia...

A mulher

Armando...

O homem

Sente-se um pouco... (A mulher senta-se) Como vae?

A mulher

Assim...

O homem

Parece que você está triste...

A mulher

Esta tristeza é velha... Tem uma historia...

O homem

Conte-m'a. Eu nunca soube...

A mulher

Você sabe... A's vezes a gente sente-se tão só na vida que precisa de um consolo, de alguem que se interesse pela gente... Ninguem se lembrava mais de mim... Foi então que elle appareceu... Tão carinhoso... Fez-me tantas gentilezas... Fiquei-lhe querendo bem, por isso. Depois desappareceu. Encontrei-o um dia com outra mulher... Disse-me que eu não o interessava mais... Não sei por que, a sua figura não me sahiu mais da retina...

O homem

E depois?...

A mulher

Melhorei de vida e elle ficou sendo meu... Viajamos por Buenos Aires... Montevidéo... Em Porto Alegre disse-me que deviamos abandonar esta vida... O cabaret era horrivel... Queria ser um homem honesto... Plantar alfafas... Mandar alfaces e repolhos para o mercado... Comprariamos um sitio...

O homem

Compraram?

A mulher

Comprámos... As minhas joias transformaram-se em fazendinha... Que coisa linda! Nunca me senti tão feliz...

(Continúa no proximo numero)

Vidros gravados

DE ETIENNE COURNAULT

O Brasil ahi de fóra

Fazenda em abandono na estrada de Barra do Pirahy e Barra Mansa

Um pedaço do rio Parahyba do Sul que passa pela Cidade Barão de Vassouras

(Photos Gilberto Ferrez)

A morte do Cysne

MOZART FIRMEZA

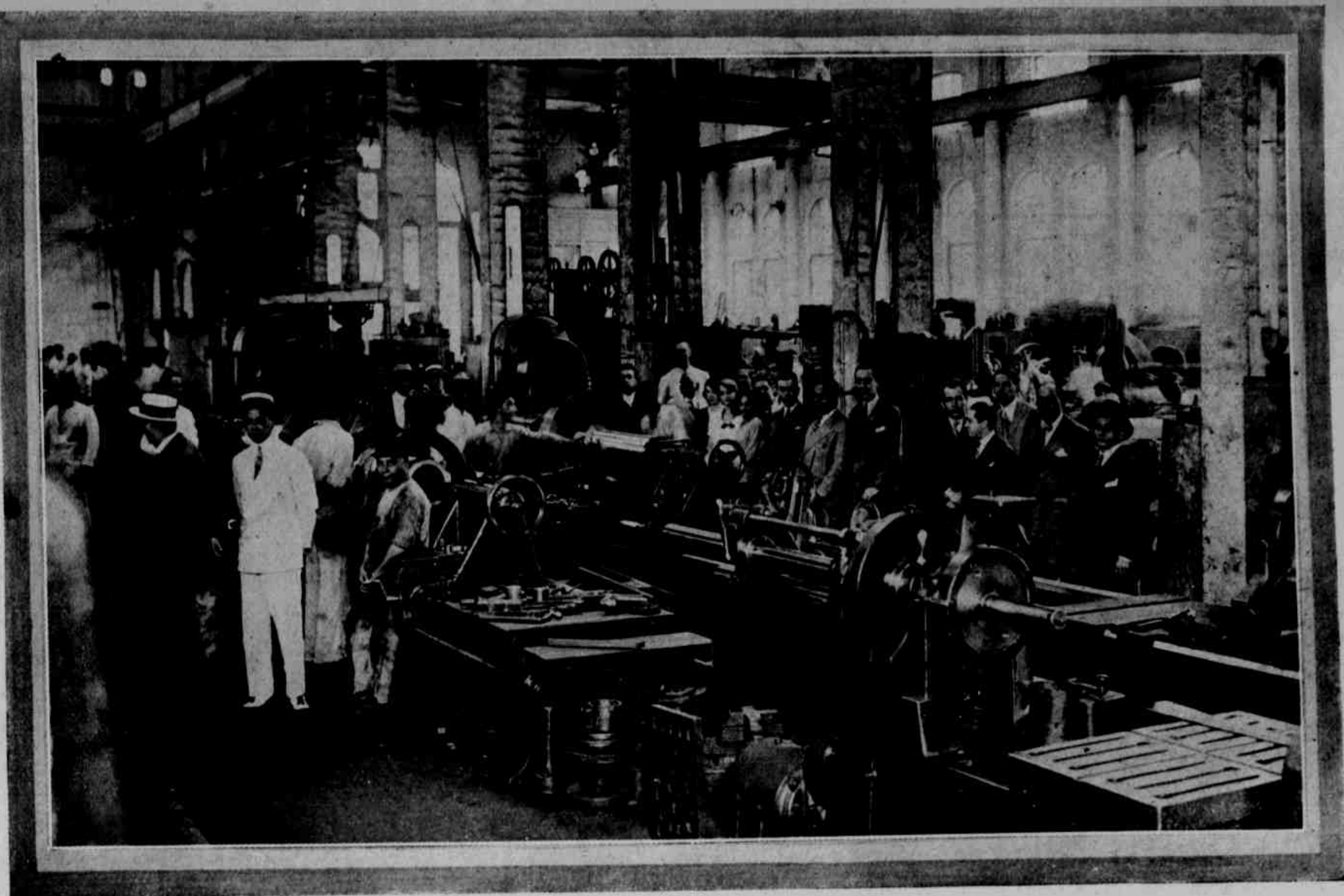
Eil-a,
sobre o tapete verdejante do mar,
a bailarina - esmeralda
dansando,
braços estendidos, em grande linha horizontal...

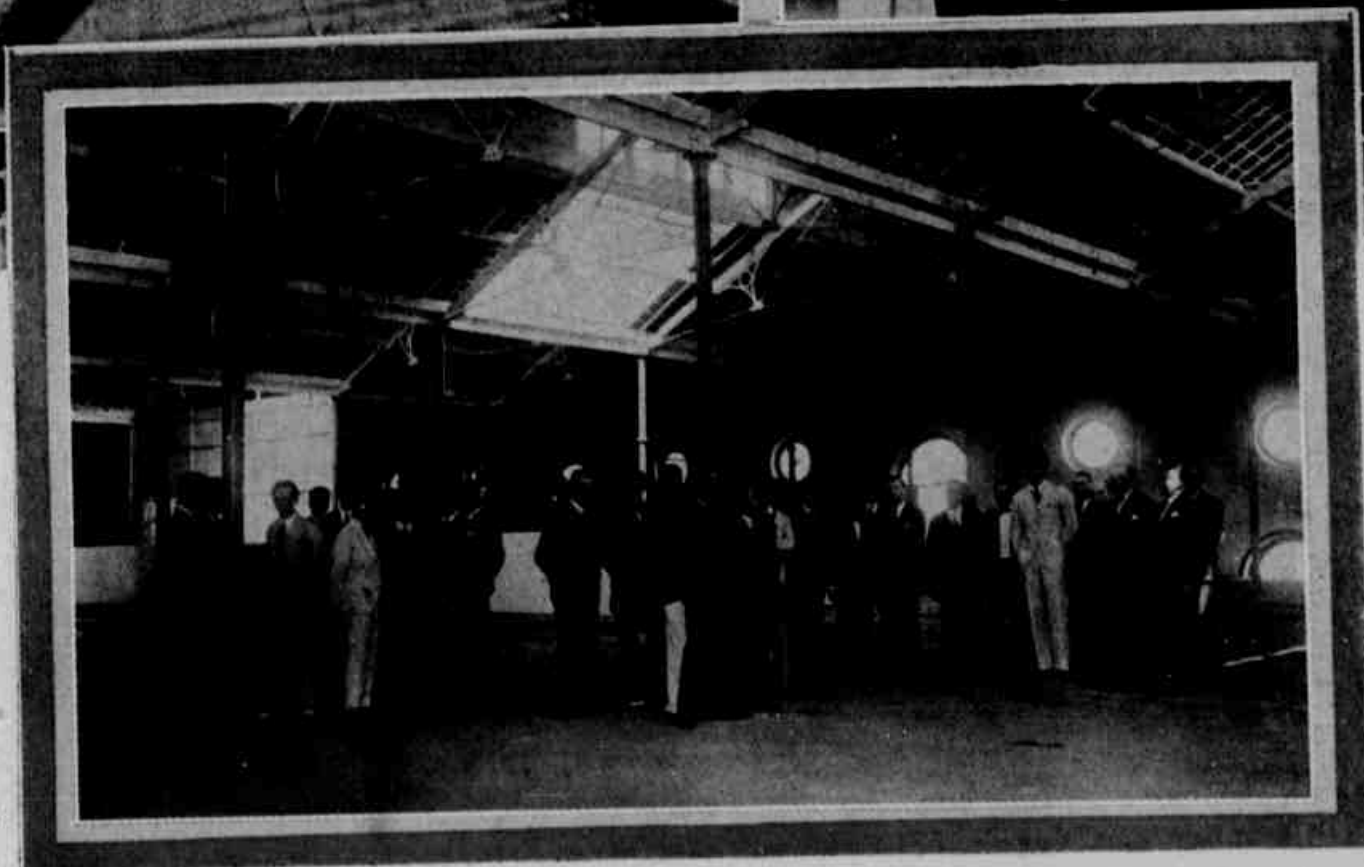
—

Vêde:
Ella treme, adeja e se confunde,
transformando-se, aqui, ali,
a boiar na immensidão do palco marinho...
Extingue-se, e reapparece,
deslisando-se, ferida, em ondulações rythmicas,
na mysteriosa choreographia das aguas...

—

E chega, emfim, á praia,
offegante,
nos ultimos arrancos da vida,
e cae
e morre
dentro de um turbilhão alvissimo de espumas...

A M. PAULO FILHO

Nas officinas do Lloyd, da Ilha de Mocanguê

Convidados pelo tenente Napoleão Alencastro Guimarães, director do Lloyd Brasileiro, os jornalistas do Rio visitaram, ha dias, as officinas na ilha de Mocanguê, e de lá trouxeram a impressão de que a grande empresa entrou em vida nova e efficiente. Depois da visita, foi servido um almoço a bordo do paquete "Joaquim Tavora". Um almoço cordialissimo.

Em cima: parte das officinas, onde se encontra o maior torno da America do Sul. No meio, á esquerda: a bordo do "Joaquim Tavora", vendo-se o dr. Uchôa, representante do Ministro da Viação, o dr. Pedro Ernesto e o tenente Napoleão Alencastro Guimarães. A' direita: a uzina, vendo-se no primeiro plano, de roupa clara, o dr. Mario Domingues, chefe do Departamento de Publicidade do Lloyd. Em baixo: a parte das officinas que acaba de ser reconstruida.

Reportagem

FEIRA DE AMOSTRAS

O nosso patricio Spinelli, do Telegrapho Pernambucano, illuminou de Recife a porta monumental da Feira de Amostras aqui, no instante que annunciara e a que immensa multidão assistiu.

LEGAÇÃO DA TCHECOSLOVAQUIA

Recepção do violinista Jan Kubelik que voltou ao Rio e deu concertos no Theatro Municipal.

PALACIO DO CATTETE

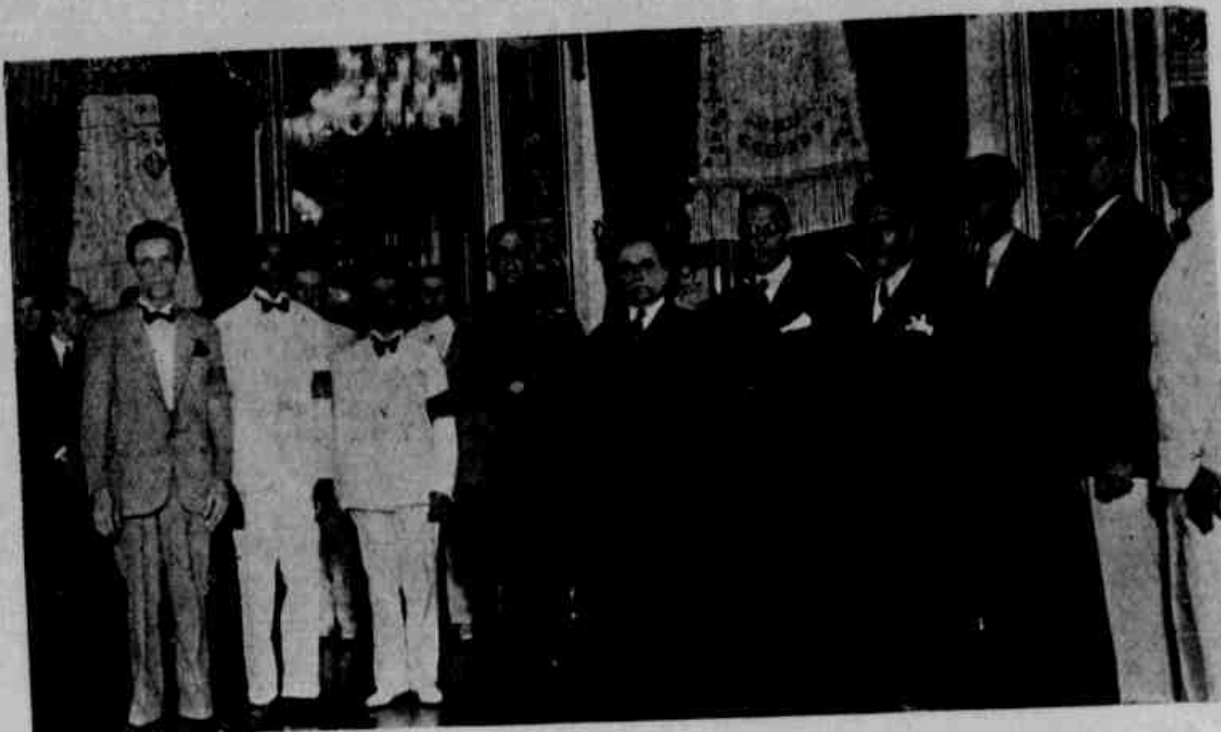
Com o Chefe do Governo e o Ministro do Trabalho, a Commissão de Operarios que lhe foi agradecer a Lei dos Dois Terços. Operarios em frente do Palacio Presidencial.

Reportagem

FEIRA DE AMOSTRAS

O nosso patricio Spinelli, do Telegrapho Pernambucano, illuminou de Recife a porta monumental da Feira de Amostras aqui, no instante que annunciara e a que immensa multidão assistiu.

LEGAÇÃO DA TCHECOSLOVAQUIA

Recepção do violinista Jan Kubelik que voltou ao Rio e deu concertos no Theatro Municipal.

PALACIO DO CATTETE

Com o Chefe do Governo e o Ministro do Trabalho, a Commissão de Operarios que lhe foi agradecer a Lei dos Dois Terços. Operarios em frente do Palacio Presidencial.

Uma louca mulher...

AQUELA mulher muito morena, de olhos grandes e negros, tinha uma estranha simulação em cada olhar, um misterio qualquer em cada gesto e naquela inquietação, quasi infantil, ela encerrava alguma cousa de singular, uma sensação nova nascida do ineditismo da sua grande fascinação...

Antes de tudo, era linda. De uma formosura que se desloca da intuição lidima do belo para cair na indecifrabilidade das cousas misteriosas. Era a sua expressão, eternamente volutuosa, de uma criatura que deseja um mundo de sentimento do outro lado da existencia... ou era a sublimação do pecado que se previa na expansão deliciosa da sua vida, ante o altar de um deus omnipotente suplicando um prazer que nunca existiu?...

——oOo——

— Aquela mulher nasceu para o destino material da sua carne!... me dissera, certa vez, um amigo, um filosofo indecifravel, um grande pensador. O seu misterio — continuou — vive, apenas, a existencia do ineditismo alucinante do seu amor. Depois... todas as mulheres vêm, sempre, findar o seu segredo nêsse "depois" tedioso e morbido...

Mas eu não acreditei. Ela havia de ter alguma cousa de estranho, um detalhe qualquer, subtil que fôsse, mas nunca igualado na vida. Os seus olhos encerravam, fatalmente, toda a razão de uma existencia nova, desigual, no exotismo concentrado daquêle corpo. E depois, como compreender-se a expressão do seu inquietante retraimento que fazia esconder-se, num sorriso, uma tristeza... Decididamente, aquela mulher era unica na vida. Era indecifravel... uma esfinge!...

——oOo——

Depois contaram-me a sua historia. Uma historia como as outras, quasi banal, uma historia de amor. De uma feita, por um simples capricho feminino, louca insensatez de mulher, casara-se com um homem a quem não amava. Desfeita a ilusão da vida conjugal que sonhara linda, veio-lhe, brutal e implacavel, a realidade que nunca pressentira. Mas o seu amor, o sonho que colocara tão alto, continuava tendo a mesma expressão de vaga fantasia, desejo irrealizado na propria inconsciencia do Destino...

——oOo——

Uma noite, num baile, nos encontrâmos. Beijando a ponta dos seus dedos nervosos, de unhas escarlates, ponteagudas, tremi deante a expressão sentimental dos seus olhos grandes e negros. O MUNDO...

Conversámos. E, depois que os outros se afastaram, descemos ao jardim sob a meiga claridade da lua, palido crescente estial.

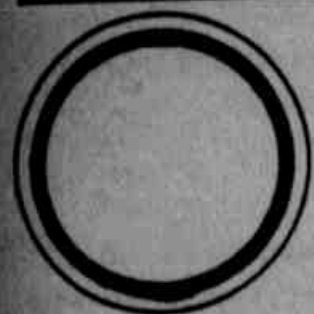
A principio falámos da vida. Ela achava banal a idéa da existencia. Ferimos, então, as divagaçõess aurorais da juventude. Os sonhos, os ideais imaginados, os encantos do amor. E ela, afinal, achou tudo aquilo que eu lhe disse futil demais porque não acreditava na sublimação do amor e odiava as promessas de felicidade. Era uma mulher que vivia á margem da vida e que imolara todos os encantos da sua mocidade em louvor de um sonho doido. E colocara tão alto êsse ideal que ficou muito além do seu alcance. Tivera um amor e, com êle, havia perdido, tambem, a sua mocidade, o seu encanto, a propria alegria de viver...

Foi então que eu compreendi que a expressão daquêles olhos, aquela infinita volupia, nêles esboçada, era o desejo incontido de procurar um sonho perdido no abismo de um ideal, uma fantasia inatingivel envolta na transcendencia absurda do ideal da perfeição...

Louca, aquela mulher!...

ARNALDO SAMPAIO

Cidade do Salvador, Julho de 1931

Encantador chapéo Segundo Imperio, em velludo preto com uma pluma frisada á antiga, que lhe dá um aspecto moderno e, ao mesmo tempo, recorda o passado.

O GRANDE acontecimento dos ultimos tempos foi a transformação radical dos chapéos. Só se vêm asas, passaros, plumas, aigrettes, marabouts, paradis e chapéos Segundo Imperio. Os novos modelos, de uma coquetterie bem feminina, encontraram plena aceitação entre as mulheres, fatigadas do genero "standard". Desamericanisar a moda, que já ha alguns annos dá a todas as mulheres o ar de dactylographas, é um ideal pelo qual se batem os ditadores da moda. Haviam conseguido, no que diz respeito ás "toilettes" de *soirée*. Agora, a hora do chá é um prazer para os olhos com a multidão de minusculos chapéos, tão de lado, quasi fugindo da cabeça... Parece que a excentricidade, mesmo com um pouco de extravagancia, não assusta mais as mulheres bonitas, até então apaixonadas pela simplicidade esportiva. Preoccupa-as o culto da personalidade (desculpem este termo tão grave), cada uma quer encontrar uma nova maneira de valorisar a sua elegancia e a sua linha. Morreu a moda "standard"! E certo grande costureiro annuncia a intenção de fazer, no proximo inverno da Europa, um vestido especial para cada mulher que queira se entregar á sua arte. Raramente as novas collecções têm sido esperadas com tanta impaciencia...

O calor está chegando. Para que os pyjamas de praia não desbotem com o sol ou com as repetidas lavagens é necessario que tenham sido confeccionados com tecidos tintos com corantes "Indanthren".

Modelo Segundo Imperio em feltro preto e uma pluma branca aparada.

Moda

RICORNIO de velludo branco pospontado com pluma tambem branca. Modelo "Vie Parisienne" em feltro preto e pluma. Duas pequenas asas brancas sobre feltro branco.

POUCO a pouco a fantasia entra em uso, embora as difficuldades do começo. Esta elegante mulher com o seu lindo chapéo de feltro preto com duas pennas, uma verde e a outra preta, olha, encantada a collecção de luvas: uma com tiras de mousseline ou de Suède applicadas em diagonal; outra, com finas prégas formando quadros, mais outra, crispim, arredondada com botões; ainda outra, perfurada e bordada com pospontos á mão. E' inutil accrescentar que todas são em "tom sur tom".

CHAPÉO de feltro preto, muito descido na frente, ornado com uma penna flexivel que atravessa a aba e reapparece sobre os cabellos.

CHAPÉO de "gros - grain" preto, collocado inteiramente de lado. A aba é mantida e levantada por meio de prégas. Atraz, uma guarnição de plumas pretas.

CHAPÉO de feltro preto com longa pluma.

MODELO em palha branca bem desabado na frente e atraz. O laço de "gros-grain" azul marinho, collocado na frente tem uma forma engraçadissima.

BANHOS
DE SOL
E DE MAR

N A P R E F E I T U R A

No dia em que o velho prefeito Passos completaria mais um anno de vida preciosa, o Centro Carioca ornou de flores a herma que se ergue no jardim da prefeitura.

N A U R C A

O painel que representa N. S. do Brasil quando foi transladado para sua capella em piedosa romaria.

A segunda Vida

(FIM)

diam ser incompativeis; e que fazer com duas indoles incompativeis e inseparaveis? Mas, emfim, dei de barato tudo isso, porque a paixão era grande, violenta; considerei-me casado, com uma linda criancinha... Uma? duas, seis, oito; podiam vir oito, podiam vir dez; algumas aleijadas. Tambem podia vir uma crise, duas crises, falta de dinheiro, penuria, doenças; podia vir alguma dessas affeições espurias que perturbam a paz domestica... Considerei tudo e conclui que o melhor era não casar. O que não lhe posso contar é o meu desespero; faltam-me expressões para lhe pintar o que padeci nessa noite... Deixa-me fumar outro cigarro?

Não esperou resposta, fez o cigarro, e accendeu-o. Monsenhor não podia deixar de admirar-lhe a bella cabeça, no meio do desalinho proprio do estado; ao mesmo tempo notou que elle falava em termos polidos, e, que apesar dos rompantes morbidos, tinha maneiras. Quem diabo podia ser esse homem? José Maria continuou a historia, dizendo que deixou de ir á casa de Clemencia, durante seis dias, mas não resistiu ás cartas e ás lagrimas. No fim de uma semana correu para lá, e confessou-lhe tudo, tudo. Ella ouviu-o com muito interesse, e quiz saber o que era preciso para acabar com tantas scismas, que prova de amor queria que ella lhe désse. — A resposta de José Maria foi uma pergunta.

— Está disposta a fazer-me um grande sacrificio? disse-lhe eu. Clemencia jurou que sim. "Pois bem, rompa com tudo, familia e sociedade; venha morar commigo; casamo-nos depois desse noviciado." Comprehendo que Vossa Reverendissima arregale os olhos. Os della encheram-se de lagrimas; mas, apesar de humilhada, acceitou tudo. Vamos; confesse que sou um monstro.

— Não, senhor...

— Como não? Sou um monstro. Clemencia veiu para minha casa, e não imagina as festas com que a recebi. "Deixo tudo, disse-me ella; você é para mim o universo". Eu beijei-lhe os pés, beijei-lhe os tacões dos sapatos. Não imagina o meu contentamento. No dia seguinte, recebi uma carta tarjada de preto; era a noticia da morte de um tio meu, em Santa Anna do Livramento, deixando-me vinte mil contos. Fiquei fulminado. "Entendo, disse a Clemencia, você sacrificou tudo, por que tinha a noticia da herança." Desta vez, Clemencia não chorou, pegou em si e sahiu. Fui atraz della, envergonhado, pedi-lhe perdão; ella resistiu. Um dia, dois dias, tres dias, foi tudo vão; Clemencia não cedia nada, não falava sequer. Então declarei-lhe que me mataria; comprei um revolver, fui ter com ella, e apresentei-lh'o: é este.

Monsenhor Caldas empallideceu. José Maria mostrou-lhe o revolver, durante alguns segundos, tornou a mettel-o na algibeira, e continuou:

Cheguei a dar um tiro. Ella, assustada, desarmou-me e perdoou-me. Ajustámos precipitar o casamento, e, pela minha parte, impuz uma condição: doar os vinte mil contos á Bibliotheca Nacional. Clemencia atirou-se-me aos braços, e approvou-me com um beijo. Dei os vinte mil contos. Ha de ter lido nos jornaes... Tres semanas depois casamo-nos. Vossa Reverendissima respira como quem chegou ao fim. Qual! Agora é que chegamos ao tragico. O que posso fazer é abreviar uma particularidades e supprimir outras; restrinjo-me a Clemencia. Não lhe falo de outras emoções truncadas, que são todas as minhas, abortos de prazer, planos que se esgarçam no ar, nem das illusões de saia rota, nem do tal passaro..., plas... plas..., plas...

E, de um salto, José Maria ficou outra vez de pé, agitando os braços, e dando ao corpo uma cadencia. Monsenhor Caldas começou a suar frio. No fim de alguns segundos, José Maria parou, sentou-se, e reatou a narração, agora mais diffusa, mais derramada, evidentemente mais delirante. Contava os sustos em que vivia, desgostos e desconfianças. Não podia comer um figo ás dentadas, como outrora; o receio do bicho diminuia-lhe o sabor. Não cria nas caras alegres da gente que ia pela rua: preoccupações, desejos, odios, tristezas, outras cousas, iam dissimuladas por umas tres quartas partes dellas. Vivia a temer um filho cego ou surdo-mudo, ou tuberculoso, ou assassino, etc. Não conseguia dar um jantar que não ficasse triste logo depois da sopa, pela idéa de que uma palavra sua, um gesto da mulher, qualquer falta de serviço podia suggerir o epigramma digestivo, na rua, debaixo de um lampeão. A experiencia dera-lhe o terror de ser empulhado. Confessava ao padre que, realmente, não tinha até agora lucrado nada; ao contrario, perdera até, porque fôra levado ao sangue... Ia contar-lhe o caso do sangue. Na vespera, deitara-se cedo, e sonhou... Com quem pensava o padre que elle sonhou?

— Não atino...

— Sonhei que o Diabo lia-me o Evangelho. Chegando ao ponto em que Jesus fala dos lyrios do campo, o Diabo colheu alguns e deu-m'os. "Toma, disse-me elle; são os lyrios da Escriptura; segundo ouviste, nem Salomão em toda a pompa, póde hombrear-se com elles. Salomão é a sapiencia. E sabes o que são estes lyrios, José? São os teus vinte annos". Fitei-os encantado; eram lindos como não imagina. O Diabo pegou delles, cheirou-os e disse-me que os cheirasse tambem. Não lhe digo nada; no momento de os chegar ao nariz, vi sahir de dentro um reptil fedorento e torpe, dei um grito, e arrojei para longe as flores. Então, o Diabo, escancarando uma formidavel gargalhada: "José Maria, são os teus vinte annos". Era uma gargalhada assim: — cá, cá, cá, cá, cá...

José Maria ria á solta, ria de um modo estridente e diabolico. De repente, parou; levantou-se, e contou que, tão depressa abriu os olhos, como viu a mulher deante delle, afflicta e desgrenhada. Os olhos de Clemencia eram doces, mas elle disse-lhe que os olhos doces tambem fazem mal. Ella arrojou-se-lhe aos pés... Neste ponto a physionomia de José Maria estava tão transtornada que o padre, tambem de pé, começou a recuar, tremulo e pallido. "Não, miseravel! não! tu não me fugirás!" bradava José Maria investindo para elle. Tinha os olhos esbugalhados, as temporas latejantes; o padre ia recuando..., recuando... Pela escada acima ouvia-se um rumor de espadas e de pés.

AS FRUTAS DA NOSSA TERRA

Só em laranjas e bananas, já exportámos 33.855:000$000

O D. O. P. já deu publicidade á estatistica da nossa exportação de frutas, nos cinco primeiros mezes do corrente anno, mostrando o desenvolvimento extraordinario que vem tendo esse commercio. Hoje, podemos offerecer os numeros relativos ao primeiro semestre do corrente anno, pelos quaes se verifica como tem augmentado a nossa exportação de laranjas e bananas. De Janeiro a Junho de 1927, tinhamos exportado cerca de 60.000 centos de laranjas, que produziram, mais ou menos, 709:000$000; em 1928, a exportação produziu .... 1.379:000$000; em 1929, ... 3.382:000$000; em 193o, réis...... 4.287:000$000. Nos seis primeiros mezes deste anno, a exportação de laranjas attingiu 22.116:000$000. Os Estados que contribuiram para esse resultado foram, em primeiro logar, S. Paulo, em segundo o Districto Federal, e, por ultimo, o Rio Grande do Sul. Dos mercados consumidores, a Grã-Bretanha continúa a ser o principal.

A CONQUISTA DA FELICIDADE E A PREVIDENCIA

Affirma Dubois, na introducção do seu formoso livro "A educação de si mesmo", que "o homem é o unico animal que não sabe viver" e, mais adiante que "o unico movel de todas as acções do homem é o desejo da felicidade".

A conquista da felicidade, qualquer que seja a mentalidade do individuo, o meio em que elle vive, os elementos de que dispõe, é a aspiração de todos os momentos e o problema maximo da humanidade.

Para uns, a felicidade consiste nos bens terrenos: na saude, na fortuna, no luxo, na vaidade ás vezes desmedida e em tudo aquillo que o dinheiro consegue sem difficuldade. Para outros, com a alma desprendida das cousas da terra, a visão da felicidade é muito mais pura e, consequentemente, mais complexa: está no amor, no sacrificio, na abnegação, na immolação dos proprios desejos para o bem commum.

Mas esses mesmos não prescindem do vil metal, mediante o qual podem espalhar, em maior somma, o bem.

Na época de inquietação, de incertezas, vacillações, esperanças e desesperanças, arrojos e restricções que atravessamos, o problema financeiro é, pode-se dizer, universal.

Desde o idealista, cujos pensamentos irradiam em projecções resplendentes, para um futuro melhor, até a parcella mais apagada da humanidade, todos, neste momento, têm, diante dos olhos, palpitante, a incognita que, de um momento, resolveria as mais delicadas questões de caracter social ou politico: *o ouro.*

E' no instante preciso em que mais intensamente se vive a vida de rehabilitação, que o sacrificio se impõe, perturbando a tranquillidade dos lares e destruindo a fragilidade de todas as felicidades parciaes.

Será então que o espirito de hoje a revela menos egoista para poder pensar mais no todo que na parcella do seu proprio Eu?

Sem duvida; pois jamais attingiremos á felicidade verdadeira se essa felicidade não estiver na razão directa do nosso desenvolvimento mental e moral.

Se tivesse, em phases não mui remotas, sido a directriz do nosso povo, representada pelos seus homens de governo, não attingiriamos, evidentemente, á situação instavel e angustiosa dos dias que atravessamos, em que os nossos olhos seguem ansiosos as oscillações do cambio e as nossos bolsas gemem ante os minguados recursos de que dispomos a exaggerada carencia da vida material.

Se o dinheiro representa, muitas vezes, uma inutilidade, quando mal applicado, representa tambem uma coisa muito séria, muito bella e muito importante, sob o ponto de vista moral: a independencia.

A independencia, por sua vez, fortifica o caracter; e, se o caracter prova o conceito que se faz á cerca de uma pessôa, muito mais concorre para a valorização de um povo.

Formada a humanidade de pequenas parcellas que, isoladas, nada valem, mas que, associadas, formam a cellula mater da vida, justo seria que os homens de hontem nos tivessem deixado, como garantia dessa independencia e consequente valorização da nossa terra e da nossa gente, o exemplo de previdencia que servirá, daqui a mais alguns annos, de padrão á reconstrucção nacional.

Forçosamente se tornam inevitaveis as aperturas financeiras do momento: mas, é uma politica economica, segura, para que possamos desfrutar, em porvir não muito longinquo, do conforto da felicidade que ambicionamos, além do apreço geral no concerto das nações.

Sejamos, pois, previdentes; tratemos de economizar tanto quanto possivel e tanto quanto nos permittam os transes em que nos debatemos, para que se modifique e melhore a nossa condição social: Samuel Johnson diz que a pobreza é o maior inimigo da felicidade humana, e com justa razão. Se collocamos de lado parcellas diminutas embora, certo no fim de algum tempo teremos contribuido para a elevação moral do nosso Eu, daquelles que comnosco vivem, com irradiações para o progresso da collectividade.

Ha, actualmente, uma companhia nacional fundada para favorecer a economia, que, por um systema de cotização ao alcance de todas as bolsas, colloca o individuo em condições de prover as necessidades futuras de seu lar.

Referimo-nos á "Sul America Capitalização".

Adquirindo um ou varios titulos dessa Companhia, teremos praticado um acto de previdencia que nos proporcionará um capital relativamente importante, em tempo que pode ser bem curto, dadas as vantagens que offerecem com seus sorteios mensaes de resgate integral do titulo adquirido.

Além dos sorteios offerece a "Sul America" outras vantagens verdadeiramente tentadoras, tal como a participação do accionista nos lucros sociaes após 15 annos de mensalidades pagas.

Como se vê, só uma absoluta negligencia pelos interesses reaes da vida, se pode oppor á previdencia.

Tenhamos em vista as incertezas de todos os tempos e procuremos nos precaver contra as horas adversas.

Lembremo-nos do feliz conceito de Guarney, de que em todas as condições e circumstancias o bem estar está ao alcance de todos os que têm poder sobre si proprio; e ainda que só do espirito de previdencia depende a conquista da felicidade.

M. C.

SO' OS ESTADOS UNIDOS POSSUEM MAIS OURO DO QUE 26 PAIZES EUROPEUS!

Segundo uma communicação official, os Estados Unidos possuem actualmente reservas-ouro na importancia de 4.983.000.000 dollars, sendo essas as maiores da historia. Desse módo, os stocks deste paiz são eguaes aos que possuem 26 paizes europeus, em conjunto, inclusive a França, que apenas tem a metade daquellas cifras.

Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria. A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjuga e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na lucta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus apparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o Nutrion, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systhema nervoso.

KOHOUT.
U.S.A.
A Pasta Odol dá brilho e brancura aos dentes;
o Liquido Odol completa a hygiene da bocca
evitando a carie e perfumando o halito.
ODOL